



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIELA MASCHIO

**VOZES SOBRE O GOSTO PELA LEITURA: PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS DE
SUJEITOS LEITORES E SEUS PERCURSOS**

CHAPECÓ

2016

DANIELA MASCHIO

**VOZES SOBRE O GOSTO PELA LEITURA: PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS DE
SUJEITOS LEITORES E SEUS PERCURSOS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de graduação em Pedagogia da Universidade
Federal Da Fronteira Sul/Campus Chapecó como
requisito para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Prof^ª. Dra. Camila Caracelli Scherma

CHAPECÓ

2016

DANIELA MASCHIO

**VOZES SOBRE O GOSTO PELA LEITURA: PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS DE
SUJEITOS LEITORES E SEUS PERCURSOS**

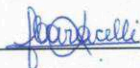
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal Da Fronteira Sul/Campus Chapecó como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Camila Caracelli Scherma

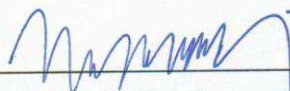
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

24 / 06 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Camila Caracelli Scherma - UFFS



Prof. Dr. Oto João Petry – UFFS



Prof.^a Me Irene Cristina Kohler – Rede Estadual de Santa Catarina e Faculdade Santa

Rita

Chapecó, junho de 2016.

VOZES SOBRE O GOSTO PELA LEITURA: palavras e contrapalavras de sujeitos leitores e seus percursos

Daniela Maschio¹ - UFFS

RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral compreender os percursos da formação do gosto pela leitura; e como objetivos específicos: conhecer a concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin e sua relação com as práticas de leitura nas perspectivas de João Wanderley Geraldi e Paulo Freire; compreender o significado da leitura como fruição; relacionar práticas docentes com a formação do gosto pela leitura. Para a efetivação desse processo, optei por me colocar à escuta de sujeitos leitores por meio de depoimentos de blogs da internet, como uma das possibilidades de encontrar as vozes que tratam dos percursos desses sujeitos. O processo de compreensão se construiu com base numa perspectiva sócio-interacionista da linguagem e foi teoricamente embasado em Mikhail Bakhtin, João Wanderley Geraldi e Paulo Freire, utilizando como metodologia o diálogo e o cotejamento. Entre palavras e contrapalavras, reafirma-se a compreensão de que, como a leitura, este estudo tornou-se um espaço de compartilhar e atribuir sentidos sobre o percurso formativo dos leitores. As reflexões feitas possibilitaram a compreensão de que a formação de leitores não ocorre por um único caminho, nem depende exclusivamente da mediação docente.

Palavras-chave: Leitura como fruição. Percurso dos leitores. Prática docente.

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia – 10ª fase - Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó/SC. E-mail: ir.dani@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O ato de ler é um processo que inicia antes mesmo da escolarização e da alfabetização, pois ainda na família, a criança poderá fazer a leitura das imagens presentes nos livros e em seu entorno, ler as situações do cotidiano e as experiências vividas por ela, buscando responder questionamentos sobre o mundo. Além disso, a literatura se faz presente “pelo gosto de contar e ouvir histórias, pela brincadeira com as letras e os sons, pela invenção livre do texto.” (LEITE, 2012, p. 22).

É importante ressaltar que, no ambiente familiar, a criança, mediada pelos adultos, tem certa liberdade na escolha de suas leituras. Ao ingressar na escola, no entanto, essas escolhas passam a ser tomadas, em grande parte, pelo professor. Por isso, deve-se ter clareza quanto à concepção de linguagem que a escola e o professor possuem, pois isso refletirá diretamente nas práticas de leitura desenvolvidas nesse espaço.

Corroborando com essa ideia, Freire (1989) salienta que é impossível haver uma educação neutra, podendo-se afirmar, então, que toda prática docente (incluindo a prática de leitura) revela uma concepção metodológica, baseada em opções políticas. Ao conceber a linguagem como algo pronto e acabado e, por isso, estático, o docente limitará sua prática a reproduções, fichas de leitura e aplicações de regras gramaticais, distantes da realidade do aluno e sem qualquer significado para ele.

Por outro lado, a concepção de linguagem como algo flexível, inconcluso e construído cotidianamente pela interação, supõe que os alunos sejam vistos como sujeitos ativos nesse processo. A prática docente assume, desse modo, importante papel na formação de leitores, contribuindo para o desenvolvimento da leitura como fruição ou influenciando na sua perda.

A discrepância entre o gosto pela leitura presente nas crianças da Educação Infantil e nos alunos do Ensino Fundamental e Médio, percebida em minhas experiências profissionais, foi motivadora deste estudo, dando origem à questão de pesquisa: Quais os percursos da formação do gosto pela leitura?

Para buscar possíveis significações, inicialmente, tornou-se necessário optar por autores que viessem ao encontro dos anseios da pesquisa realizada, sendo eles Mikhail Bakhtin, no que compete à concepção de linguagem; Paulo Freire e João Wanderley Geraldi, por dialogarem com a concepção bakhtiniana e pelas concepções que têm acerca da leitura. Outros autores foram utilizados por trazerem importantes contribuições, corroborando com os autores citados.

O objetivo geral desse estudo é compreender os percursos da formação do gosto pela leitura; e os objetivos específicos são: conhecer a concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin e sua relação com as práticas de leitura nas perspectivas de João Wanderley Geraldi e Paulo Freire; compreender o significado da leitura como fruição; relacionar práticas docentes com a formação do gosto pela leitura.

Buscando compreender de modo concreto esse percurso, optei por me colocar à escuta das diferentes vozes de sujeitos leitores e, nessas vozes, auscultar algumas materialidades discursivas que mostrassem o processo de formação de leitores. Os depoimentos de blogs² da internet foram possibilidades encontradas, por permitirem me colocar à escuta de pessoas de diferentes regiões do país, de distintos contextos sociais, econômicos e culturais, bem como de diferentes faixas etárias, indo além da idade escolar.

A escolha dos blogs sobre leitura e formação de leitores não seguiu nenhum critério específico, ocorrendo de modo aleatório. Quanto aos depoimentos, foram selecionados conforme a relevância dos seus relatos e em quantidade considerada suficiente para o processo de compreensão e cotejamento.

1 ENTRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

1.1 A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM COMO PONTO DE PARTIDA

De acordo com Freire (1989) e Geraldi (2012), toda ação docente está baseada nas concepções e opções políticas do professor. Sendo assim, as práticas de leitura desenvolvidas na escola estão estreitamente ligadas à concepção de linguagem que o docente possui. A seguir, apresentarei brevemente a concepção de linguagem na perspectiva sócio-interacionista de Mikhail Bakhtin, com a qual dialogam as concepções de leitura de João Wanderley Geraldi e Paulo Freire, abordadas adiante.

Para Bakhtin (2006, p. 33), os signos são a arena das ideologias, reflexo e refração das estruturas sociais. Eles são, portanto, constituídos por e constituintes de um processo de

²Os depoimentos, sempre que citados, foram identificados com números, como: depoimento 1, depoimento 2 e assim sucessivamente. Além disso, foram transcritos em itálico e entre aspas, respeitando a escrita de seus autores.

interação entre sujeitos pertencentes a um dado contexto e momento social. Sendo condicionados por essas situações, poderão ser modificados na medida em que as condições de interação também forem modificadas. Desse modo, os signos não são estáticos, mas dinâmicos, móveis e flexíveis.

Um exemplo dessa flexibilidade do signo linguístico é apresentado por Bakhtin (2006, p. 96) ao citar que “para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática lingüística”. Assim, a palavra encontra sentido não pela sua forma escrita sempre estável, mas pelas diversas significações que pode assumir nos enunciados, em que ocorre o seu uso concreto.

Nesse sentido, para a concepção bakhtiniana, a língua só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação.

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro* (BAKHTIN, 2006, p. 115).

Por isso, o autor afirma que todo signo, mesmo o da individualidade, é social, assim como toda enunciação é de natureza social. Toda vez que o sujeito formula um enunciado, o faz a partir dos conhecimentos adquiridos de enunciados anteriores. Ou seja, cada enunciado carrega consigo tantos outros enunciados, em um cotejamento de concepções, ideias e conceitos. Ao mesmo tempo, é único e irrepitível, pois ainda que alguém diga as mesmas palavras, o contexto será outro, bem como o interlocutor e as significações que por ele serão atribuídas. Bakhtin (2006, p. 107) reitera que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma”.

Pensando sobre o ato de ler, é possível estabelecer relação com o que Freire (1989, p. 09) escreve, afirmando que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Sendo assim, a leitura também se torna lugar de cotejamento de sentidos, os do autor e os do leitor, cada qual inserido em um contexto e permeado pelas leituras feitas anteriormente.

Ao falar sobre o processo de compreensão, Bakhtin (2003) afirma que esse deve ser ativo e criador, justamente porque quem o faz tem uma visão de mundo já formada que, no entanto, não é imutável, assim como aquilo que procura compreender. Há uma potencialidade infinita no sentido, que depende desse contato entre a minha palavra e a do outro.

Quem recebe um enunciado é um ser carregado de palavras interiores (discurso interior) que se juntam às enunciações exteriores. Ou seja, “a palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 151).

Assim, a compreensão da flexibilidade do signo e das diversas significações que este pode assumir, vem ao encontro da concepção de leitura como lugar de construir e compartilhar sentidos (GERALDI, 1996). O leitor se torna coautor dos textos que lê, dialogando com eles e ultrapassando a passividade da simples decodificação.

A linguagem é, desse modo, produto e produtora de interação social e o diálogo se torna uma das formas de interação. Porém, Bakhtin (2006) escreve que é necessário compreender a palavra diálogo de modo mais amplo, não se referindo apenas à comunicação em voz alta, de pessoas que estão frente a frente, mas a toda comunicação verbal.

Compreendido dessa maneira, o ato de ler também constitui um diálogo, pois autor e leitor dialogam, mediatizados pelo texto. O autor atribui, ao escrever, a sua significação, que é apenas uma das possíveis, dando ao leitor o direito de significar, a partir de suas vivências e de seu percurso. É nesse cotejamento de sentidos que a leitura pode ser entendida como atividade dialógica, fundamentada na concepção sócio-interacionista da linguagem.

1.2 AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM A PALAVRAMUNDO

Como citei anteriormente, as práticas de leitura desenvolvidas na escola revelam opções políticas, refletindo a concepção de leitura que o professor tem e, por consequência, influenciando na formação das concepções dos alunos sobre a leitura, visto que essas se formam pelas práticas exercidas em seu convívio social. Assim, é impossível haver uma educação neutra. “Neste sentido [...] uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação [...]” (FREIRE, 1989, p. 15).

Desse modo, a educação compreendida como não sendo neutra, ao mesmo tempo em que reproduz a ideologia dominante, pode contradizê-la ou negá-la, ao confrontá-la com a realidade. Paulo Freire também ressalta que o fato do educador não ser neutro não significa, necessariamente, que seja um manipulador, pois para que ocorra uma prática libertadora não deve haver manipulação. Deve haver, sim, clareza de concepções, para que ele assuma a sua opção política e seja coerente com ela, na prática. Essa é uma das exigências de educadores

críticos, cientes de que “não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso.” (FREIRE, 1989, p. 16).

Geraldi (2012, p. 40) também afirma o caráter político presente na ação docente:

[...] toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula. Assim, os conteúdos ensinados, o enfoque que se dá a eles, as estratégias de trabalhos com os alunos, a bibliografia utilizada, o sistema de avaliação, o relacionamento com os alunos, tudo corresponderá, nas nossas atividades concretas de sala de aula, ao caminho por que optamos.

Partindo dessa perspectiva, pode-se dizer que a concepção de linguagem que o professor possui refletirá na forma como entende e como apresenta a leitura para seus alunos. Ao conceber a linguagem como algo pronto e acabado e, por isso, estático, o docente limitará sua prática a reproduções, a aplicações de regras gramaticais e à produção de enunciados cultos, distantes da realidade do aluno e sem qualquer significado para ele.

Quando a escola entende a língua e seu ensino dessa maneira, está embasada em uma concepção de linguagem “como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente da subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade” (LEITE, 2012, p. 24). Desse modo, na escola não se lê livremente, mas se produzem resumos, fichas e respostas a perguntas previamente definidas.

Geraldi (2010, p. 142) também afirma que,

Na escola, em geral se lê para escrever. Há uma junção entre as duas atividades em que uma se torna o fim da outra: lê-se um texto para escrever outro texto, no mesmo gênero ou sobre o mesmo tema; lê-se um texto para dele elaborar um esquema mnemônico; lê-se um texto para responder perguntas [...]; lê-se um texto, enfim, para cumprir uma ordem.

Assim, a escola não promove sujeitos que dizem seu próprio discurso, apenas repetem um discurso alheio. São as simulações ou os usos artificiais da língua que, conforme Geraldi (2012), limitam-se à produção de redações que serão lidas apenas pelo professor, leituras que serão cobradas e avaliadas e exercícios de gramática descontextualizados. O aluno, nessa perspectiva, não se assume como o “eu” ou o “tu” do discurso e quando sua voz se faz ouvir, acaba sendo a repetição de outra voz: a do professor.

É necessário compreender, então, que cada um é um ser no mundo, com o mundo e na relação com os outros, reconhecendo no outro “o direito de dizer sua palavra” e o nosso dever de escutar e de falar com ele e não a ele. (FREIRE, 1989, p. 17). Uma das possibilidades de dar voz aos sujeitos é partindo da concepção de linguagem como produto e lugar de interação social. Conforme Bakhtin (2006), o signo linguístico só existe e ganha sentido na interação,

sendo marcado pelas características dos determinados grupos sociais, épocas e contextos. Logo, se a linguagem é produto da interação social, o aluno deve ser ativo e não passivo diante das situações de aprendizagem escolar.

Ainda referente à linguagem, Geraldi (1996, p. 97), ancorado em Bakhtin e Vygotsky, aponta que “a porta de acesso por que se espera compreender o processo de constituição da subjetividade é a *linguagem*”. Ciente de sua incompletude, o eu busca completar-se no encontro com o tu e é nessa tensão de encontro/desencontro que ambos se constituem.

É através da palavra que o eu se define em relação ao outro. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2006, p. 115). Nesse diálogo, é que se constrói a linguagem, sendo ela trabalho e produto do trabalho e carregada de história em cada expressão.

Compreender a associação entre constitutividade do sujeito e interação exige aceitar que somos sempre inconclusos (GERALDI, 1996), em construção por meio das interações sociais, o que supõe a concepção de linguagem também como algo flexível, inconcluso e construído cotidianamente. Portanto, ela não pode ser apresentada como uma regra previamente definida nos manuais de gramática e tão pouco terá sentido para os alunos, uma vez que está deslocada do cotidiano deles.

Encontra-se, então, na leitura, um importante elemento para a constituição da subjetividade:

Que papel reservar à leitura neste processo de constituição da subjetividade? Incluída a leitura entre as formas de interação, por isso mesmo lugar de compartilhar e fazer circular sentidos [...] com a leitura alargam-se nossos horizontes de possibilidades de construirmos, neste diálogo constantemente tenso com a palavra alheia, nossas próprias palavras de compreensão. (GERALDI, 1996, p. 100)

Para que a leitura, de fato, seja um lugar de compartilhar e construir sentidos, a escola precisa possibilitar o uso efetivo e concreto da linguagem, num trabalho com a língua e não sobre ela. Isso não significa negar o acesso à língua padrão e suas regras, pelo contrário, Geraldi (2012) lembra que é dever da escola possibilitar isso, como forma de dar voz aos sujeitos historicamente calados e desprovidos desse poder. Porém, é importante partir do que tem sentido para o aluno. E o que tem sentido para ele? Aquilo com que ele tem familiaridade, o que faz parte do seu mundo.

Saveli (2007, p. 127) contribui dizendo que na sociedade atual a escola é via principal de acesso aos bens culturais, dos quais a leitura faz parte. Deve-se, portanto, reconhecer “a dimensão política da leitura, o que exige levar em consideração o capital cultural dos alunos,

isto é, suas experiências de vida, suas histórias, sua linguagem”. Além dessa dimensão política, a autora cita a leitura como atividade intelectual, justamente por compreendê-la como um processo de interação e, portanto, de construção da subjetividade.

Desse modo, também para Freire, a leitura da palavra não está dissociada da leitura do mundo e nessa junção acontece a leitura da palavramundo. O autor afirma, ainda, “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais.” (FREIRE, 1989, p. 10). Isso possibilita compreender que o contato com a leitura e a escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos aos alunos, sujeitos desse processo, e não de palavras e de temas apenas vinculados às experiências do professor.

Para o referido autor faz-se necessário compreender que o ato de ler não se limita à decodificação da palavra escrita, mas tem continuidade na inteligência do mundo. Essa relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra é constante, compreendendo que a primeira precede a segunda. Ou seja, quanto o sujeito lê a palavra, o faz impregnado de concepções de mundo, permeado pelo cotidiano, pelos conceitos que tem sobre o que a cerca. Após a leitura da palavra, constrói novos sentidos e concepções, retornando de modo diferente para a leitura do mundo e assim sucessivamente, em um processo ininterrupto.

Lajolo (1993, p. 07) reitera

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Deve haver a compreensão de que linguagem e realidade estão ligadas em um processo dinâmico, em que não é possível compreender e significar um texto, sem que o leitor estabeleça relações com o contexto em que está inserido. Além disso, esse processo é contínuo, pois as leituras de mundo estão em constante ampliação e desenvolvimento.

Bakhtin (2006, p. 126-127) afirma que uma enunciação, mesmo sendo considerada significativa e completa é, na verdade, “apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta”. Assim, o processo da fala, seja na comunicação exterior, seja no discurso interior, é ininterrupto, ou seja, iniciou-se em outras enunciações e continuará existindo nas enunciações futuras.

Referindo-se à postura do aluno frente ao texto, Freire (1989, p. 18) escreve que “a sua leitura do real, contudo, não pode ser a repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real.” Diante disso, pode-se compreender que o texto não possui um único significado, reafirmando o conceito de que mais que decodificar e compreender os seus

sentidos, a leitura deve possibilitar atribuir-lhe novos sentidos, que serão sempre fruto de suas experiências leitoras, seja da palavra, seja do mundo.

A escola, enquanto instituição que veicula, mantém e reproduz práticas de leitura, pode desenvolvê-las de diferentes modos e com distintos objetivos. Sobre essas possíveis leituras, Geraldi (2012) destaca a leitura como busca de informações, a leitura como estudo do texto, a leitura como pretexto e a leitura como fruição e será sobre esta última que me aterei.

1.2.1 A leitura como fruição

Em uma sociedade capitalista, o prazer (a fruição) é excluído das atividades, importando apenas o produto. A escola, enquanto reprodutora desse sistema, valoriza apenas as atividades que apresentam rendimento. Por isso, lê-se um livro para produzir resumos, fichas ou, o que é ainda pior, como forma de repreensão. (GERALDI, 2012).

Leitura como fruição é “ler por ler, gratuitamente”, como afirma Geraldi (2012, p. 98). Porém, isso não é sinônimo de ausência de resultados, mas de desinteresse por eles ou pelo controle deles. O autor ressalta, ainda, que esse tipo de leitura não é exclusivo do texto literário, podendo estar presente na leitura de jornais ou de outros gêneros, quando se busca ler pelo prazer de informar-se, por exemplo.

Ainda, a leitura em sala de aula, pensando no uso de narrativas longas, deve deixar de lado a cobrança, uma vez que “o que se busca é o desenvolvimento do gosto pela leitura e não a capacidade de análise literária”. (GERALDI, 2012, p. 61). Nessa mesma perspectiva Lajolo (1993, p. 27) afirma que “reaprender a linguagem do prazer, reconhecê-la e desenvolvê-la na leitura é uma forma de resistência a uma concepção utilitária (e burguesa) de leitura”. Sendo assim, a literatura não deve estar a serviço de algo ou ser usada sempre como pretexto, ela deve ter espaço no planejamento do professor como um momento de fruição, sendo essa prática essencial para que se adquira o gosto pela leitura.

Uma prática de leitura sem cobranças de fichas, resumos ou trabalhos ajuda a não tornar o ato de ler um castigo ou, como Geraldi (2012, p. 61) se refere, “[...] um martírio para o aluno – que ao final da leitura terá que preencher fichas, roteiros ou coisas parecidas.” Assim, é importante que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer desse ato, não pelas cobranças escolares.

No entanto, cabe destacar que as práticas propostas pelos autores acima, por si só, não determinam o desenvolvimento da leitura como fruição. Por se tratar de um percurso individual e subjetivo, influenciado e mediado pela família, escola e outros meios sociais, a

formação de leitores pode ocorrer de distintas maneiras. Por isso, para a construção de significações acerca do desenvolvimento do gosto pela leitura, tornou-se importante auscultar as vozes dos próprios leitores sobre seus percursos.

1.3 DIFERENTES VOZES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE LEITORES

Esta parte do artigo dedica-se ao cotejamento entre os depoimentos de sujeitos leitores retirados de blogs sobre leitura e formação de leitores, as concepções e práticas dos teóricos que embasam este estudo e os sentidos atribuídos por mim.

Partindo da compreensão de que o ato de ler é um processo que inicia antes mesmo da inserção da criança no ambiente escolar e da alfabetização, deve-se considerar sua relação com a leitura ainda na família. Mesmo que não saiba decodificar os signos escritos, poderá fazer a leitura das imagens presentes nos livros e em seu entorno, ler as situações e as experiências vividas por ela, buscando responder a questionamentos sobre o mundo. Além disso, como Leite (2012, p. 22) afirma, a leitura pode estar presente “[...] pelo gosto de contar e ouvir histórias, pela brincadeira com as letras e os sons, pela invenção livre do texto”.

Alguns depoimentos possibilitam auscultar o contato com a leitura no ambiente familiar:

“Quando comecei a frequentar a escola na fazenda onde morávamos, as letras já me eram mais familiares e o processo de alfabetização aconteceu com mais facilidade [...]” (depoimento 3).

“Minha experiência com a leitura se deu muito cedo. Lembro-me que ainda não frequentava a escola. Minha família participava muito de grupos de oração e, com esta prática, aprendi a ler.” (depoimento 19).

“Meu primeiro contato com a leitura foi com minha mãe que lia à noite alguns contos de fadas. E com meu pai que contava histórias e também lia algumas aventuras de ‘Alexandre e outros heróis’ de Graciliano Ramos.” (depoimento 31).

“Recordo-me, aos seis anos de idade, da minha mãe, sempre lendo várias revistas de fotonovelas. Quando ela se ocupava em alguns outros afazeres domésticos, eu pegava aquelas revistas, começava a folhear e ficava encantada com as figuras.” (depoimento 46).

“Tudo começou na família, com um sentimento muito intenso, de uma relação de amor com a minha irmã mais velha que eu chamava carinhosamente de mãe. Na época ela tinha como leitura preferida as fotonovelas e os romances e isto despertou em mim o desejo de aprender a ler para realizarmos conjuntamente as leituras.” (depoimento 54).

Uma das possíveis significações acerca da materialidade discursiva desses enunciados refere-se ao processo de iniciação à leitura, o qual pode se dar pelas contações de histórias,

em que a criança, além de exercitar a escuta, desperta sua criatividade e imaginação, atribuindo significados ao que ouve. Segundo Revoredo (2010, p. 46):

A leitura em voz alta também pode ser um fator motivador dos pais sobre os filhos, porque cria oportunidades para uma troca de experiências entre ambos, fazendo com que a criança saiba o que é considerado benéfico pelos pais. Se os pequenos são criados em um ambiente receptivo à leitura, em contato ativo com materiais que sugerem a recepção de textos, é provável que, no futuro, conservem o gosto de ler.

Outro aspecto relevante é que a ausência de livros de literatura no ambiente familiar não constitui, necessariamente, a ausência de leitura de palavras e/ou imagens. A criança, movida pela curiosidade e pelo exemplo do adulto, lê textos diversos, como as revistas de fotonovelas, citadas pelos depoimentos 46 e 54.

A importância de um ambiente familiar estimulador desde os primeiros anos de vida da criança também está presente em outros enunciados:

“Minha iniciação com a leitura e a escrita se deu, primeiramente com minha avó, que adorava ler para nós [...]” (depoimento 6).

“Desde pequena fui me familiarizando com a leitura: primeiro com gibis e depois com livros infantis. Esse contato aconteceu primeiro em casa, pois meu pai toda vez que ia para a cidade nos trazia gibis [...]” (depoimento 7).

“Minha experiência com a leitura e escrita foi muito saudável e proveitosa teve início aos 4 anos de idade por intermédio da minha mãe uma pessoa simples que estudou até a 4ª série do antigo primário, mas que sempre gostou de ler, desde almanaques, bíblia aos clássicos infantis [...]” (depoimento 8).

“Meus pais não sabiam ler, mas, tinham uma oralidade muito boa. Isto me deixava curiosa e ao mesmo tempo fascinada. Minha mãe reunia as filhas e crianças vizinhas, fazia uma roda, sentávamos e ela contava várias histórias engraçadas.” (depoimento 51).

“Tudo começou na minha infância, com minha mãe que adorava contar histórias bíblicas para eu e minhas irmãs. Era muito divertido! Pedíamos para ela contar várias vezes a mesma história e ela contava. A paixão pela literatura começou a florescer a partir daqueles momentos. Lembro-me que eu adorava olhar as imagens dos livros, que me chamavam muito a atenção. Minha imaginação fluía; a leitura me fazia viajar e conhecer outros horizontes.” (depoimento 57).

O primeiro aspecto observado nos depoimentos acima se refere à importância de que o formador de leitores ou o mediador, nesse caso o familiar, também seja um leitor. Esse mediador deve, primeiramente, gostar de ler para, então, exercer a prática da mediação de forma prazerosa, deixando transparecer a intimidade que possui com a leitura (GARCIA, 2007). Os trechos: *“minha mãe que adorava contar histórias”*, *“minha avó, que adorava ler para nós”* e *“minha mãe [...] sempre gostou de ler”*, dos depoimentos 57, 6 e 8 respectivamente, podem significar o quanto o prazer de ler ou contar histórias transparece ao ouvinte.

O segundo aspecto refere-se à leitura como uma forma de conduzir o leitor a lugares em que ele gostaria de estar, de ser o que desejaria ser, de viajar por espaços que talvez nunca chegasse, senão por meio dela. É o que Geraldí (1996, p. 83) afirma sobre a busca do direito à literatura e sua fruição, pois “a literatura tratando de um mundo que não é nos fornece categorias de compreensão do mundo que é.” Ou seja, além de permitir esse deslocamento do leitor para outras realidades e espaços, ajuda-o a compreender o seu próprio espaço e realidade, desenvolvendo, através da ficção, a sua capacidade de lidar com conflitos reais.

Os depoimentos 57, 9 e 14, respectivamente, fazem menção a isso, nos trechos:

“Lembro-me que eu adorava olhar as imagens dos livros, que me chamavam muito a atenção. Minha imaginação fluía; a leitura me fazia viajar e conhecer outros horizontes”.

“Com a leitura eu viajo, conheço tantos lugares, vivo tantos sonhos, fantasias, tenho raiva, fico apaixonada, enfim, eu me sinto a própria protagonista do livro.”

“[...] acredito que através da leitura podemos viajar pelo mundo, conhecer pessoas, sem sair do lugar.”

No momento da leitura, o leitor se permite viver os sentimentos das personagens ou os próprios, que afloram à medida que se envolve na história. Tal ação não é tão comum no cotidiano, pela agitação que impossibilita saborear ou mesmo dar-se conta dessas sensações.

Quando o livro é lido com prazer, transporta o leitor a outros mundos, estimulando sua emoção e imaginação. Esse entusiasmo pode gerar intimidade entre o leitor e o livro, fazendo-o querer ler sempre mais, para explorar a fantasia que cada história traz. Portanto, o prazer de ler pode decorrer do significado que o texto tem para o leitor.

Além desse contato íntimo da criança com os livros (seja por meio da leitura do código escrito ou das imagens, seja pela contação de histórias), a leitura precisa fazer parte de sua vida na família, na escola, nos ambientes que ela frequenta, tornando-se o que Saveli (2007) chama de prática social. Dessa forma, será possível internalizar a leitura como algo que faz parte de seu cotidiano e não como uma obrigação imposta em determinadas fases de sua vida ou locais da sociedade, como a escola, por exemplo. Segundo a autora, ainda:

[...] quanto menos o meio familiar e social utilizar a escrita, tanto mais essa defasagem impedirá os alunos de compreender o que é preciso fazer para ler e como aprender a ler. Daí a necessidade de introduzir os pais, muitos deles alfabetizados, numa lógica de leiturização [...] (SAVELI, 2007, p. 122).

Nesse sentido, a escola e o professor não podem assumir sozinhos esse processo, uma vez que não são os únicos responsáveis pela formação de leitores. Os pais devem ser parceiros no desafio de formar crianças leitoras. Quando a criança, desde os primeiros anos, entra em contato com os livros, terá maior possibilidade de despertar a curiosidade e o interesse pelo

ato de ler. Alguns depoimentos trazem, como uma das significações, a relevância do incentivo e estímulo familiar para a leitura, ressaltando novamente a importância de que os pais também sejam leitores:

“[...] meu pai sempre nos incentivou à leitura por ser ele um grande leitor. Lembro-me do meu pai lendo desde literatura a mapas, jornais, revistas, livros didáticos escolares. [...]. Amava aprender e passou isso para todos os filhos”. (depoimento 10).

“Meus pais sempre foram leitores, apesar da pouca escolarização. Era frequente vê-los saboreando livros e revistas. Assim, também segui o bom exemplo. Queria saber o que estava escrito nas páginas coloridas das revistas que circulavam pela casa”. (depoimento 18).

Os dois depoimentos acima falam da frequência com que a leitura era realizada, usando expressões como “*sempre*” e “*frequente*”, podendo significar que era uma prática diária ou bastante comum no ambiente familiar, a ponto de despertar a curiosidade e o interesse de também serem leitores. Isso retoma a ideia de leitura como prática social, pois a família é o primeiro grupo social em que a criança é inserida e com o qual convive, quase exclusivamente, nos primeiros anos de vida. Por isso, as práticas de leitura desenvolvidas nesse meio tendem a ser observadas e reproduzidas, passando de geração a geração.

Além disso, a forma como as leituras eram realizadas teve relevância para os autores dos depoimentos, nos trechos: “*amava aprender*” e “*saboreando livros e revistas*”. Tais palavras evocam o que Geraldi (2012, p. 98) chama de leitura como fruição, ou seja, “ler por ler, gratuitamente”. Segundo esse autor, em uma sociedade capitalista, a fruição, muitas vezes, é excluída das atividades, importando apenas o produto, e essa visão adentra também o ambiente familiar que, envolvido em tantos afazeres do cotidiano, acaba deixando de lado momentos de lazer e prazer, entre os quais está a leitura.

Nos depoimentos 10 e 18, citados acima, a fruição estava presente na leitura de gêneros diversos, como consta nos fragmentos: “*mapas, jornais, revistas, livros didáticos escolares*” e “*livros e revistas*”. Nesse sentido, Geraldi (2012) afirma que a fruição não é exclusiva do texto literário, podendo estar presente na leitura de jornais ou de outros gêneros, quando se busca ler pelo prazer de informar-se, por exemplo.

Cabe destacar, ainda, que no ambiente familiar, a criança, mediada pelos adultos, tem certa liberdade na escolha do que ler, quando e como ler. Esse contato físico e afetivo com o livro, em que o leitor se sente livre para fazer suas escolhas, reflete em satisfação na leitura. Ao ingressar na escola, entretanto, essas escolhas passam a ser tomadas, em grande parte, pelo professor. Isso pode gerar uma descontinuidade e separação entre os dois ambientes: em casa, a criança sente prazer em ler, porque lê o que gosta e ao seu tempo; na escola, a leitura acaba

se tornando obrigação ou tarefa a ser cumprida em horário e tempo pré-determinados, com livros nem sempre escolhidos por ela.

A partir do momento em que a escola usa a obrigatoriedade da leitura, a fruição pode ser interrompida. O depoimento 3 possibilita refletir sobre esse aspecto:

“Quando comecei a frequentar a escola na fazenda onde morávamos, as letras já me eram mais familiares e o processo de alfabetização aconteceu com mais facilidade, no entanto, distante das histórias que me cativavam. Era em casa que aproveitava para redimensionar a leitura por meio dos livros que escolhia”.

Ao mesmo tempo em que o processo de alfabetização, iniciado espontaneamente em casa no contato com as letras, ganha continuidade na escola, a expressão “no entanto” pode significar uma ruptura, nesse caso, no prazer das leituras. Em casa, estavam as histórias que cativavam o leitor do depoimento e as quais tinha a liberdade de escolher, possibilitando entender que na escola talvez essa escolha lhe fosse negada.

Embora um dos objetivos deste estudo seja conhecer a relação das práticas docentes com o desenvolvimento da leitura como fruição, é importante levar em conta também o papel da família nesse percurso, justamente porque a criança inicia suas leituras ainda no ambiente familiar, com mais estímulos ou menos estímulos, como foi possível auscultar em vários depoimentos citados. Essas experiências devem ser consideradas pelo professor quando a criança ingressa na escola, pois como afirma Saveli (2007, p. 127):

[...] em nossa sociedade a escola ainda representa a via principal ou quase-exclusiva de acesso aos bens culturais, precisando tomar, por um lado, a leitura, como uma atividade intelectual, que tem um papel fundamental na construção da subjetividade humana e por outro, não ignorar a dimensão política da leitura, o que exige levar em consideração o capital cultural dos alunos, isto é, suas experiências de vida, suas histórias, sua linguagem.

A escola é um local privilegiado para o desenvolvimento da leitura e, muitas vezes, o único local de contato da criança com os livros. Por isso, é importante que proporcione espaços e tempos mais amplos para a leitura, investindo em bons livros e indo além de ensinar a ler e a escrever. Alguns depoimentos possibilitam construir significações acerca desse primeiro lugar de interação entre a criança/adolescente e a leitura:

“O hábito de leitura na minha casa durante a minha infância nunca existiu, não sou filho e nem neto de leitores. Eu e meus amigos sempre optamos por jogar bola ao invés de ler. Meu divisor de águas tem nome; Prof^ª Auta, isso mesmo, D. Auta.” (depoimento 2).

“A minha relação com este mundo mágico da leitura foi iniciado na escola. Foi lá que descobri as letras, as sílabas, as frases e os textos”. (depoimento 52).

Uma das possíveis significações, a partir dessas materialidades discursivas, é que o fato de não haver estímulos e incentivos para a leitura, nesse primeiro momento da infância,

não significa que a criança não gostará de ler ou não terá intimidade com os livros nos anos posteriores. Ao fragmento “*este mundo mágico da leitura*”, do depoimento 52, pode-se atribuir a significação de afeição da autora do enunciado com a leitura, ainda que ela só tenha iniciado após o ingresso na escola.

Ainda referente aos depoimentos, é possível refletir que, se por um lado existem ambientes familiares que oferecem estímulos e diversidade de materiais para leitura, assim como trazem de gerações anteriores o gosto por essa prática, por outro, há aqueles que, por motivos diversos, não convivem com esse gosto, ou seja, não fazem da leitura uma prática social. Para esses, a escola ou o professor pode se tornar o que o autor do depoimento 2 chama de “*divisor de águas*”.

Essa importância, assumida pelo professor no processo de formação de leitores, pode ser observada em diversos depoimentos:

“[...] foi através de minha Professora Dona Ivone Beloni, na terceira e quarta série primária, que lia a introdução do livro nas aulas e depois incentivava nós (alunos) irmos à biblioteca emprestar o livro para saber o final da história.” (depoimento 6).

“[...] foi na quinta série que um grande professor despertou-me para a leitura. Sempre nos incentivava a ler e começou indicando os livros da Série Vagalume. Li vários, fazíamos a leitura, interpretação, escrita (resumo), contávamos para sala.” (depoimento 10).

“Ao completar sete anos comecei a frequentar a primeira série (segundo ano), a professora ficou encantada quando descobriu que naquela turma havia uma aluninha (como ela dizia) alfabetizada, foi aí que ganhei meu primeiro livro de história infantil, “O Jacaré Cosmonauta”, do autor Walmir Ayala. Portanto, foi a partir daí que comecei a frequentar a biblioteca da escola, sempre na expectativa de saber o que estava escrito no interior de cada livro [...].” (depoimento 14).

“A professora Darcy me presenteava com livrinhos de histórias e orientou minha mãe para que ela me estimulasse a ler todas as noites uma pequena história para ela e meus irmãos [...].” (depoimento 15).

“Meu primeiro contato com a leitura foi mágico. Na escola onde estudei tinha bons professores e uma biblioteca encantadora. Nunca me esqueço daquele cheirinho dos livros velhos e novos.” (depoimento 17).

No entanto, o exercício da leitura nos espaços escolares não pode ser considerado garantia de formação de leitores. Em muitas situações, a literatura acaba sendo usada apenas a serviço de algo, como: desenvolver exercícios, aprender determinadas regras gramaticais, destacar personagens, fazer resumos, realizar provas ou produzir outro texto, deixando de ser um momento interativo entre leitor e autor.

Geraldi (2010, p. 142) afirma que na escola, muitas vezes, a leitura existe em função da escrita, em uma junção entre essas atividades em que uma é o fim da outra. O referido autor cita a leitura de um texto como pretexto para escrever outro, como algo que pode ser

desenvolvido em sala. Porém, frisa que esta é apenas uma das práticas de leitura possíveis e não deve substituir o espaço que a leitura como fruição precisa ter. Para ele, a leitura é uma forma de interação, lugar de compartilhar e fazer circular sentidos, possibilitando a construção de novas compreensões, surgidas pelo embate entre a minha palavra com a palavra do outro (GERALDI, 1996). Portanto, o leitor não pode ser entendido como passivo frente às leituras que faz, mas sujeito ativo no diálogo com o autor, mediado pelo texto. Dessa forma, a leitura pode ser vista como operação intelectual que ultrapassa a decodificação do código escrito, como corrobora Lajolo (1993).

Nesse sentido, Freire (1989) chega a afirmar que a prática de leitura de um texto, que tem como objetivo descrever um objeto e memorizar, nem pode ser considerada leitura de fato, nem se pode esperar que dela resulte o conhecimento desejado.

A materialidade discursiva dos depoimentos abaixo possibilita algumas reflexões acerca de práticas de leitura desenvolvidas na escola:

“A partir da 5ª série passei a comprar e a ler os livros que seriam cobrados nas provas de leitura. A leitura não era apresentada como atividade prazerosa, mas obrigatória para nota.” (depoimento 4).

“Lia os livros sem nenhum prazer, para cumprir a responsabilidade de realizar a prova.” (depoimento 27).

“Assim como toda criança, li alguns livros da coleção vaga-lume na escola, mas sempre carregados da imposição de se ‘fazer um resumo’ ou ‘vai cair na prova’ e coisas assim, sem falar do acervo que era limitado. Isso tudo não desenvolveu em mim gosto pela leitura.” (depoimento 28).

“[...] a professora fazia as indicações, e uma vez por bimestre pedia o resumo de um dos livros que eu havia lido. Admito que não gostava de ler, quando era uma leitura para ser resumida para ser avaliada.” (depoimento 44).

“Só lia quando a professora obrigava. Tinha que ler, responder a ficha, pois na prova de Português sempre tinha questões tiradas do livro. Me dá um arrepio quando me lembro da obrigação de ler. Era muito chato.” (depoimento 49).

*“Houve um acontecimento na minha adolescência que me chocou. Foi quando um professor pediu para lermos o livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* para fazermos uma prova. Só que na prova não caiu nada sobre o livro e ficamos muito chocados. Passei um tempo sem entusiasmo para ler.”* (depoimento 57).

A primeira significação que atribuo refere-se às imposições ou tarefas dadas pelos professores após as leituras, as quais, de certo modo, faziam com que os alunos lessem, mas não garantiam o desenvolvimento do gosto pela leitura. Isso retoma a ideia de que ler na escola, por si só, não é sinônimo de formar leitores que gostem dessa prática.

O fragmento do depoimento 28, “[...] li alguns livros da coleção vaga-lume na escola, mas sempre carregados da imposição [...], sem falar do acervo que era limitado. Isso tudo não desenvolveu em mim gosto pela leitura”, possibilita outra significação referente à

escassez de livros de literatura em algumas escolas, o que, além de limitar o contato com a diversidade literária, limita as escolhas dos leitores. Isso vem de encontro ao que Geraldi (2012) afirma sobre a qualidade ou profundidade, que ele também chama de maturidade do leitor, a qual depende das leituras feitas anteriormente. Dessa forma, os docentes devem oportunizar quantidades de leitura, pois isso também poderá significar qualidade.

Para alguns, a obrigatoriedade das leituras, as cobranças por resultados, bem como a impossibilidade de escolher os livros que desejariam ler, podem gerar, conforme Lajolo (1993), situações de aversão ao ato de ler. Ainda segundo essa autora, para que a leitura se torne livre, deve-se respeitar, principalmente nos primeiros anos de escolarização, o prazer ou a aversão do leitor em relação a cada livro. Os depoimentos abaixo trazem contribuições significativas:

“Só me considerei mesmo leitora quando escolhi o que ler com livros de amigas ou de livrarias, quando conseguia comprar, porque as escolas ainda não tinham acervo disponível, livros trancados em armários.” (depoimento 32).

“Havia livros chatos que meus professores me obrigavam a ler e eu não gostava. Mas depois que comecei a ler algo que eu gostava, como Harry Potter, foi o que me motivou a ler mais e mais.” (depoimento 24).

No primeiro enunciado, é possível auscultar que a condição de leitora parece ter sido alcançada pela autora do enunciado quando ela se sentiu sujeito desse processo, através da liberdade de escolher o que ler. Também permite refletir sobre uma possível centralização do conhecimento na pessoa do professor, o qual parecia ter total controle sobre os livros, que não estavam disponíveis aos alunos, mas *“trancados em armários”*.

O segundo enunciado também pode significar a falta de protagonismo do aluno diante das práticas de leitura, sendo obrigado a ler *“livros chatos”*, indicados pelos professores. Possivelmente, o autor desse depoimento tenha sido considerado, em certo período escolar, como um mau leitor e talvez ele mesmo se adjetivasse dessa forma. No entanto, ao descobrir um estilo literário diferente do que estava habituado a ler, sentiu-se motivado, despertando o prazer da leitura e tornando-se um leitor assíduo.

As significações atribuídas acima remetem à necessidade de dar voz ao sujeito, reconhecendo no outro “o direito de dizer sua palavra” e o nosso dever de escutar e de falar com ele e não a ele (FREIRE, 1989, p. 17). Vêm ao encontro, novamente, do que Geraldi (2012) propõe ao afirmar ser importante oferecer quantidade de leituras, como uma forma de gerar qualidade e maturidade leitora e, eu diria, como uma porta de entrada para a descoberta das leituras que lhe proporcionam prazer.

Cabe destacar que, em diversos depoimentos citados, a prática docente, vista de modo impositivo, torna-se uma das barreiras para o desenvolvimento da leitura como fruição.

Nesses casos, a leitura poderá ser apenas uma forma de decodificar e, quem sabe, entender o que o autor escreveu, sem, no entanto, dialogar com ele e atribuir novas significações.

Faz-se necessário, então, possibilitar momentos que ultrapassem a decodificação e apreensão do texto, levando à construção de sentidos ou ao que Freire (2002, p. 14) chama de leitura verdadeira, capaz de tornar o leitor sujeito do texto:

A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela a produção apenas de seu autor e de sua autora.

Ainda, conforme Geraldi (2012, p. 107), a leitura deve ser “entendida como um processo de interlocução entre leitor/texto/autor.” O professor, por sua vez, deve ser um interlocutor presente, auxiliando ao longo desse processo, sem apresentar, porém, a sua leitura como sendo a única possível ou interferindo nas leituras dos alunos, uma vez que o texto não possui um único significado.

O autor do depoimento 30 também aborda questões metodológicas usadas por seus professores, ao longo do percurso escolar:

“Na escola a metodologia utilizada pelos meus professores não contribuíram para que desenvolvesse o gosto pela leitura. Na escola lembro-me muito de atividades que tinham como foco a cópia e exercícios do livro didático. No ensino fundamental não tenho lembranças de atividades de leitura por fruição, somente para realização de trabalhos solicitados pela professora. A minha inspiração para leitura teve início no ensino médio (naquela época área de humanas) quando me apaixonei pela professora de literatura. Ela se envolvia na leitura, se deliciava com as palavras, a paixão pelas histórias lidas vinha de dentro e contagiava toda a sala. Lia todos os livros que indicava e a partir daí comecei a gostar e ler muito.” (depoimento 30).

Na primeira parte do depoimento, aparecem algumas práticas docentes que, para o autor desse enunciado, não o ajudaram a desenvolver o prazer da leitura, tais como a reprodução, a imposição de leituras e a cobrança das mesmas, através de trabalhos. Essas práticas remetem ao que Geraldi (2012) chama de simulações ou usos artificiais da língua, as quais se limitam à produção de redações que serão lidas apenas pelo professor, leituras que serão cobradas e avaliadas e exercícios de gramática descontextualizados. Nessa perspectiva, a escola não promove sujeitos que dizem seu próprio discurso, apenas repetem um discurso alheio.

Em um segundo momento, o autor do depoimento escreve que a leitura passou a ser parte de sua vida e a ser algo prazeroso, devido à influência de determinada professora e suas práticas. Nas palavras “*Ela se envolvia na leitura, se deliciava com as palavras, a paixão pelas histórias lidas vinha de dentro e contagiava toda a sala*”, pode-se significar a importância, já citada anteriormente, de que o formador de leitores seja um leitor assíduo.

Para Freire (1989, p. 16), essa é uma das exigências de educadores críticos, cientes de que “não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso”.

Outros depoimentos trazem a questão do professor leitor como incentivador para a formação do gosto pela leitura:

“O professor que lê desperta o interesse de seu aluno, caso contrário ele não terá vontade nunca, a não ser que traga o gosto pela leitura de casa [...]” (depoimento 20).

“[...] Um grande exemplo foi uma professora, a Marli, que trazia livros e comentava o que estava lendo, todos os dias... ficava me sentindo burra porque não conhecia nada de literatura no Ensino Médio. Comecei a ler os recomendados e amei.” (depoimento 32).

“Tive uma experiência boa em relação aos meus professores de ensino fundamental e médio, que sempre estiveram espírito leitor, me inspirei nesses professores [...]” (depoimento 11).

“Ao me tornar professora tive a oportunidade de ‘contagiar’ meus alunos com o gosto pela leitura, hoje eles sempre que podem vêm me mostrar o que estão lendo e fico muito feliz quando ouço deles: ‘Professora, como eu sei que você gosta de ler trouxe esse livro pra que veja, porque a história é muito legal’. É como se costuma dizer ‘o exemplo convence mais que palavras’.” (depoimento 1).

À materialidade discursiva do primeiro depoimento, pode-se atribuir a significação de que há a necessidade de um processo na formação de leitores, que pode iniciar na família, mas deve continuar após e inserção escolar. Se em uma dessas esferas a formação para a leitura for falha, é possível que o gosto por ela não seja desenvolvido ou acabe enfraquecendo pela falta de incentivo.

Para os autores dos depoimentos acima, era muito claro o gosto pela leitura em seus professores. Porém, como os alunos conseguem perceber que o professor é um leitor e, mais que isso, um leitor de literatura, de forma prazerosa? Uma possível resposta é apresentada pelo depoimento 32, no trecho: *“[...] trazia livros e comentava o que estava lendo, todos os dias [...]”*, ou seja, mostrava seus livros, suas leituras e suas significações acerca do que lia, diariamente. Essa frequência pode ter permitido aos alunos internalizar práticas de leitura, realizadas de modo espontâneo e prazeroso, como integrantes de um cotidiano, despertando o desejo de também serem leitores para socializarem suas leituras e significações.

Outra possibilidade pode ser o fato do professor fazer dos livros e da leitura uma prática frequente também durante as aulas. Ele não apenas lê (ou diz que lê) fora do ambiente escolar, mas faz com que a leitura tenha espaço em seu planejamento, deixando de ser uma atividade realizada esporadicamente ou quando sobrar tempo. Como afirma Bakhtin (2006), o significado de uma enunciação não depende apenas das formas verbais, mas também dos

elementos não verbais. Assim, a relação de intimidade entre o professor e o livro, transparece em suas práticas e na forma como faz referência à leitura e não apenas falando sobre ela.

Anteriormente, refleti sobre as rupturas no processo de formação de leitores, que podem ocorrer quando a criança ingressa na escola. Ou seja, ela nem sempre encontra nesse ambiente a mesma liberdade e diversidade de leituras que possui no meio familiar, acrescido, muitas vezes, das imposições dos professores. No entanto, essas rupturas podem continuar acontecendo ao longo de todo percurso escolar. Os depoimentos abaixo possibilitam reflexões sobre esse aspecto:

“[...] quando aconteceu a troca de professora primária que descobri que a escola também era lugar de leitura por prazer. A nova professora promovia as rodas de contação de histórias e os livros saíam dos armários para virar encanto. No Ensino Fundamental II, meus professores de Língua Portuguesa não conseguiram manter a mesma prática de leitura. Líamos textos literários para responder às questões de compreensão textual ou para resolver exercícios gramaticais. Foi o professor do Ensino Médio que resgatou o prazer literário com as literaturas brasileira e portuguesa.” (depoimento 3).

“Nós mudamos para a cidade e lembro-me da professora Ângela que, mesmo com o ensino tradicional, lia histórias com um jeito todo particular que parecia real. Meu pai continuava comprando livros, coleções e nos incentivando a ler, mas aos poucos, aquela empolgação foi minando por causa dos livros impostos para leitura e resumo. Não me lembro de visita à biblioteca. Quando fui estudar em Ribeirão Preto, um professor de literatura, apaixonado por livros, fez renascer em mim o gosto e o prazer pela leitura e hoje eu não me vejo sem um livro, jornal ou revista na mão.” (depoimento 25).

Retomando Freire (1989) e Geraldi (2012), é possível reafirmar que toda ação docente revela concepções, baseadas em opções políticas. Portanto, cada docente terá uma forma bastante peculiar de organizar suas práticas, as quais serão significadas de distintas formas pelos alunos, interferindo na aprendizagem. Nos dois depoimentos há a descrição de algumas ações, como: *“rodas de contação de história”, “livros saíam dos armários para virar encanto”, “lia histórias com um jeito todo particular que parecia real”* e *“um professor de literatura, apaixonado por livros, fez renascer em mim o gosto e o prazer pela leitura”*, as quais foram significadas, pelos autores dos enunciados, como práticas que ajudaram a desenvolver o gosto pela leitura.

Por outro lado, ações como: *“líamos textos literários para responder às questões de compreensão textual ou para resolver exercícios gramaticais”, “livros impostos para leitura e resumo”* e *“não me lembro de visita à biblioteca”* aparecem como práticas que romperam, pelo menos por algum tempo, com o que consideravam leitura prazerosa.

Partindo desses enunciados, pode-se apontar como uma possível significação que, uma prática de leitura sem cobranças ajuda a não tornar o ato de ler um “[...] um martírio para o aluno – que ao final da leitura terá que preencher fichas, roteiros ou coisas parecidas”, como

Geraldi (2012, p. 61) se refere. Assim, é importante que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer desse ato, não pelas cobranças escolares.

As rodas de contação de histórias, citadas pelo depoimento 3, parecem apontar para a concepção de linguagem como produto e lugar de interação social. A formação da roda (círculo), por si só, possibilita pensar que todos serão vistos, terão seu espaço e poderão ser ouvidos. Conforme Bakhtin (2006), o signo linguístico só existe e ganha sentido na interação. Logo, se a linguagem é concebida pelo professor como produto da interação social, o aluno passa a ser ativo e não passivo diante das situações de aprendizagem escolar.

Outros depoimentos também possibilitam conhecer algumas práticas de leitura desenvolvidas:

“[...] na 4ª série que tive uma professora chamada Dona Noêmia que incentivava muito seus alunos a ler, foi onde comecei a tomar gosto pela leitura, na escola havia uma biblioteca enorme onde eu sempre pegava livros.” (depoimento 40).

“Tomei gosto pela leitura aos 09 anos quando estudava na 4ª série com a professora Telma Lúcia. Ela incentivava a leitura através de livros de literatura onde líamos e organizávamos as equipes para dramatizar as histórias lidas nos livros. Cada um ficava com um ou mais personagens. Era maravilhoso, muito gostoso! Foi um momento inesquecível da minha vida!” (depoimento 45).

“A contribuição da minha primeira professora foi marcante. Foi ela que incentivou o meu interesse pela leitura dos gibis e dos textos literários. Foi ela que trouxe à tona o meu amor pela leitura propriamente dita. Lembro-me também que na escola a professora nos mandava ler anúncios, panfletos e outros gêneros.” (depoimento 52).

“Na 3ª e 4ª séries tive uma professora que ensinava a gente a ler e dramatizar o que lia. Aquilo me incentivava a criar e modificar histórias e os contos de fada faziam os meus olhos brilhar.” (depoimento 53).

“Meu primeiro contato com a leitura foi mágico. Na escola onde estudei tinha bons professores e uma biblioteca encantadora. Nunca me esqueço daquele cheirinho dos livros velhos e novos.” (depoimento 17).

“Fui para a escola aos seis anos praticamente alfabetizada. Lembro-me que a biblioteca era ambulante, ou seja, uma perua Kombi abarrotada de livros parava à porta da escola uma vez por semana e as professoras organizavam os alunos para a devolução e retirada de livros.” (depoimento 18).

Nos depoimentos 40, 17 e 18, pode-se refletir sobre o fato do professor não ser o único responsável, dentro do ambiente escolar, pela formação de leitores. Os autores citam como elemento importante na construção do gosto pela leitura, a presença da biblioteca, para a qual foram atribuídos adjetivos: enorme, encantadora, ambulante e abarrotada de livros. Esse espaço é fundamental no ambiente educativo e a atenção que se dá a ele também revela a concepção que a escola tem acerca da leitura e o quanto a considera importante.

Entretanto, não basta que a biblioteca exista, esteja em um espaço adequado e tenha diversidade de livros, os alunos devem ter acesso a ela, ter a liberdade de explorar, manusear os livros, conhecê-los e escolher aqueles com os quais possam fazer a experiência da leitura como fruição. A própria palavra “*ambulante*”, um dos adjetivos atribuídos, remete a algo em movimento, ou seja, que não é estático, podendo significar esse dinamismo que deve existir entre os livros e os leitores.

Nessa perspectiva, ler torna-se um lugar de compartilhar e construir sentidos (GERALDI, 2012). Por isso, a escola precisa possibilitar o uso efetivo e concreto da linguagem, num trabalho com a língua e não sobre ela. Dessa forma, o ensino de língua e literatura pode ser integrado em uma mesma prática, como afirma Leite (2012), uma vez que, ao ler textos literários, o leitor estará em contato direto com a língua, podendo compreender e internalizar regras gramaticais em seu uso concreto e não por exercícios de memorização descontextualizados.

Geraldi (2012) destaca, ainda, como forma de desenvolver a leitura prazerosa, a necessidade de partir de algo em que a criança e o adolescente encontrem significado, com o que tenham familiaridade, o que faz parte do seu mundo, como por exemplo, leituras pelas quais tenha interesse ou mesmo estratégias que o ajudem a interessar-se por essas leituras. As dramatizações, o uso de diversos gêneros e a liberdade de atribuir sentidos às leituras feitas, citados nos depoimentos 45, 52 e 53, indicam estratégias que, para esses leitores, contribuíram significativamente para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Outro aspecto destacado por Geraldi (2012) para que a leitura como fruição seja possível é a recuperação de três princípios em nossa vivência como leitores. São eles: o caminho do leitor, ou seja, respeitar a caminhada do aluno e compreender que cada leitor se faz pelas leituras realizadas; o circuito do livro, que diz respeito às informações sobre leituras que se recebe, nos diversos espaços de convivência, estimulando novas leituras; a qualidade ou profundidade, que ele também chama de maturidade do leitor, a qual depende das leituras feitas anteriormente.

Segundo Bakhtin (2006, p. 135), “cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas [...]. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão”. Pode-se estabelecer relação entre essa citação acima com o que Geraldi chama de maturidade do leitor. Quanto maior o número de leituras realizadas, é possível que sejam maiores também os sentidos atribuídos, os quais vão construindo o leitor e colaborando no processo de compreensão e significação das novas leituras.

O depoimento a seguir também pode estar relacionado com os princípios citados:

“[...] percebo também o quanto é importante o papel do professor e daqueles que são pessoas significativas na vida do aluno para despertarem e formarem leitores apaixonados por boas leituras e bons textos. Desta forma hoje sou o que sou e conheço o mundo através da linguagem escrita e verbal, poderia ser mais apaixonada ou mais aplicada, porém cada qual a sua maneira, vai se construindo e fazendo de cada dia de sua vida uma página de sua história.” (depoimento 5).

Ao tratarmos da formação de leitores, estamos baseados na concepção de que o leitor se forma, não nasce pronto, como o depoimento cita. Esse processo é longo, iniciando na família, adentrando pelo período de escolarização e indo além dele, ou como Lajolo (1993, p. 07) reitera “[...] numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”.

Por um lado, trata-se de um caminho individual, como nas palavras do autor do depoimento, “[...] cada qual a sua maneira, vai se construindo [...]” que depende, ao mesmo tempo, das mediações que encontra ao longo desse processo, como está no enunciado: “[...] é importante o papel do professor e daqueles que são pessoas significativas na vida do aluno para despertarem e formarem leitores apaixonados por boas leituras e bons textos”.

Essa construção individual e ao mesmo tempo coletiva, a tensão constante entre a minha palavra e a do outro, o cotejamento de sentidos que a leitura possibilita, é fundamental para minha constituição enquanto leitora. Da mesma forma que, segundo Freire (1989), não é possível separar a leitura de mundo da leitura da palavra, pela dinâmica desse processo, não posso ler um novo livro sem carregar comigo as leituras anteriores, as quais interferem na forma com que leio, hoje.

Diversos depoimentos citados acima apresentaram significações acerca das imposições e cobranças, como barreiras no desenvolvimento do gosto pela leitura. No entanto, a materialidade discursiva de outros depoimentos permite compreender que, para alguns leitores, as leituras impostas e cobradas no processo de escolarização, acabaram desenvolvendo o gosto pela leitura, posteriormente.

“Minha primeira leitura obrigatória foi “Cazuza”, de Viriato Correia, no 3º ano do antigo Primário. Acho que teve uma prova depois da leitura, mas não houve problemas, nem me lembro dela, mas a história, que eu lia e recontava para minha mãe, foi mágica [...].” (depoimento 29).

“Minha professora de Literatura me incentivava a ler e também atribuía nota aos livros lidos e pedia resumos dos mesmos, e , foi nesse período que passei a tomar “gosto” por ler e escrever.” (depoimento 12).

“Minha experiência com a literatura e escrita foi 6ª série, com o livro “O escaravelho do Diabo”, a professora de Português Dona Sônia, mandava nós lermos um livro por bimestre para entregar o resumo, foi assim, que descobri o maravilhoso mundo dos contos [...].” (depoimento 37).

“A partir da 5ª série passei a comprar e a ler os livros que seriam cobrados nas provas de leitura. A leitura não era apresentada como atividade prazerosa, mas obrigatória para nota. Mesmo assim, comecei a me encantar com o mundo mágico da leitura. Adorava as histórias.” (depoimento 4).

“Comecei a descobrir o gosto pela leitura na quinta série, pois o professor de língua portuguesa determinava a leitura de um livro por mês e no final deste período era feita uma avaliação, eu sempre tirava nove ou dez pois adorava ler. Pegava o livro e em dois ou três dias o “devorava”. Ficava muito ansiosa para chegar o final do mês e pegar o próximo livro.” (depoimento 26).

Esses enunciados apresentam-se como contrapalavras às concepções e práticas propostas por Geraldí e Freire. Segundo Bakhtin (2006, p. 135), “compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”. Essas contrapalavras devem ser ouvidas e consideradas, uma vez que se tem como ponto de partida a concepção sócio-interacionista de linguagem e a concepção de leitura como lugar de construir e compartilhar sentidos.

A primeira significação sobre os enunciados, parte da ideia de que os sujeitos não aprendem do mesmo modo e isso se aplica também para o processo de formação de leitores. Se para alguns, as cobranças e imposições geraram aversão à leitura, para outros serviram como porta de acesso a esse mundo e à descoberta da fruição.

Na maioria dos depoimentos, as histórias lidas e o prazer desse contato são tão considerados, que as exigências feitas pelos professores se tornaram secundárias ou nem mesmo eram vistas como tal. Apenas no depoimento 4, a expressão “*mesmo assim*” pode significar a consciência de que havia uma cobrança e que a leitura não era apresentada de forma prazerosa, porém o prazer surgiu ao longo do tempo, por sua caminhada de leitor.

A materialidade discursiva do depoimento 43 também possibilita significar que o gosto pela leitura foi despertado ao longo do processo de formação e que, muitas leituras realizadas, inicialmente, o colocaram em contato com a leitura em si, mas não proporcionaram a leitura como fruição.

“O que me despertou para a leitura foi a imposição escolar que se iniciou na quinta série, onde a professora determinava a leitura de um livro por bimestre, que no final era feito uma prova. Lembro-me que muitas obras com linguagem formal e complexas foram enfiadas ‘goela’ abaixo. Por outro lado, obras como o Cortiço, foi o máximo, na época, episódios que narravam instintos naturais como os instintos sexuais, chocava! [...] Dessa forma, gostando de uns e odiando outros, hoje agradeço o incentivo de minha professora, graças a ela posso viajar conhecendo novos mundos e novos pensamentos. Descobri a leitura prazerosa só depois de um tempo. Acredito que a maturidade e a não obrigatoriedade são fatores que despertou a verdadeira paixão para a leitura [...]. As obras eram massacradas quando éramos obrigados a realizar uma leitura que não era adequada a nossa faixa etária. Agora eu que escolho os livros que vou ler e é muito bom!!!!” (depoimento 43).

Entre as diversas leituras obrigatórias, estavam as que o leitor considerou difíceis e sem significado, naquele momento. Porém, mesmo uma leitura imposta, em dado momento, acabou se tornando prazerosa. Nas palavras do autor do enunciado “*gostando de uns e odiando outros*” vai ocorrendo a construção do caminho do leitor, como Geraldí (2012) cita. Além disso, a maturidade é apontada pelo leitor como um fator que pode despertar a paixão pela leitura, opondo-se à obrigatoriedade. O depoimento 4, apresentado abaixo de forma mais integral, possibilita refletir acerca desse aspecto:

“Lembranças, sentimentos, emoções me invadem a alma ao tentar recuperar, recordar minhas experiências com a leitura e a escrita. [...] Sou fruto de uma educação tradicional, onde o professor era o detentor do saber e o aluno era visto como um receptor passivo. [...] Sempre fui muito tímida. Recordo-me de situações constrangedoras vivenciadas em sala de aula, quando um professor pedia para que eu lesse. Corava e às vezes gaguejava. Nessas situações, a leitura era um ato mecânico, ao terminar não sabia o que tinha lido. As produções de textos também seguiam o modelo tradicional [...] Aos poucos, fui tendo novas experiências de leitura. A partir da 5ª série passei a comprar e a ler os livros que seriam cobrados nas provas de leitura. A leitura não era apresentada como atividade prazerosa, mas obrigatória para nota. Mesmo assim, comecei a me encantar com o mundo mágico da leitura. Adorava as histórias. [...] Em seguida, já no Ensino Médio tive a oportunidade de conhecer autores da literatura brasileira, lendo obras importantes de: José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Aluísio Azevedo... Na universidade, fui ampliando esse universo de leitura e já não lia apenas os livros cobrados para provas e trabalhos, pois a leitura passou a fazer parte da minha vida como algo prazeroso e imprescindível.”

Assim como o depoimento 43, o enunciado acima faz menção ao percurso da formação do leitor. Uma das possíveis significações é que, embora haja diferentes estratégias e concepções sobre a leitura e a formação de leitores na escola, muitas vezes a leitura como fruição será despertada (ou ampliada) somente depois do período escolar, não deixando, necessariamente, de ter influências da mediação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou-me, primeiramente, compreender o que Geraldí (2012, p. 22) chama de posição dialógica, ou seja, “não definir de antemão os pontos de chegada”. Ao iniciar o estudo, acreditava que apontaria uma solução para o desenvolvimento da leitura como fruição, seguindo determinados caminhos, como os propostos pelos autores que embasaram teoricamente esta pesquisa. No entanto, nem mesmo tais autores tiveram a pretensão de dar receitas, e sim de apresentar concepções e possibilidades de práticas com relação à leitura. Cabe destacar que esses teóricos apontam para algumas possibilidades entre tantas outras já desenvolvidas por professores, em suas experiências com a formação de leitores.

Durante o estudo, ao deparar-me com depoimentos em que os leitores realizavam a leitura por fruição, mesmo sendo fruto de uma formação de leitores com práticas impositivas e de cobranças, precisei realizar o distanciamento necessário para dar espaço às contrapalavras, essenciais para a compreensão desse processo. (GERALDI, 2012).

Pude perceber que, como pedagoga em formação, as mediações para o desenvolvimento de leitores devem fazer parte das práticas cotidianas de docência e este estudo possibilitou-me a construção de sentidos importantes para a realização de tais práticas. Uma das significações refere-se à compreensão de que é na interação que o sujeito se constitui, produz e faz uso da linguagem, constrói sentidos e desenvolve a capacidade de dizer a sua palavra.

Outra constatação é que cada leitor tem um percurso, de modo que não há apenas um caminho para o desenvolvimento da leitura como fruição, pois a formação de leitores é um processo bastante singular e subjetivo. Assim, não posso afirmar que cobranças e imposições não auxiliam, em nenhum caso, no desenvolvimento do gosto pela leitura ou que práticas que partam da concepção sócio-interacionista da linguagem sempre desenvolverão a leitura como fruição.

Além disso, foi possível perceber que o professor e a escola não são os únicos responsáveis pela formação de leitores, justamente porque esse processo/percurso começa ainda na família e perdura depois da vida escolar. Porém, a escola, como importante espaço de interação social e, muitas vezes, como único espaço de interação da criança com a palavra escrita, precisa rever, antes das práticas, suas concepções, buscando as que melhor fundamentem suas ações pedagógicas. Tratando-se da leitura, a clareza de concepções – das quais a concepção de linguagem é essencial - e a clareza metodológica são fundamentais para práticas docentes que contribuam efetivamente no desenvolvimento da leitura como fruição.

Cabe ressaltar que a ausência dessas clarezas nas práticas docentes pode fazer com que a leitura, ao invés de ser espaço de confrontos e rupturas, seja uma forma de sobrepor e subjugar as contrapalavras dos alunos, substituindo-as por “palavras alheias, estrangeiras, de um saber que se apresenta como pronto, acabado. Não uma relação dialógica de construção, mas relação hierárquica de imposição”. (GERALDI, 1996, p. 97).

Portanto, compreender a leitura como um espaço de interação significa entender a sua importância e a exigência de que mais pessoas tenham acesso a ela, não apenas referindo-se à leitura do código escrito, mas à leitura da palavra e do mundo. Para tal, deve-se respeitar as leituras que os alunos já possuem ao ingressar na escola, preparando-os para novas e profundas leituras que ocorrerão durante e após o percurso escolar.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo general comprender los itinerarios de la formación del gusto pela lectura; y como objetivos específicos: conocer la concepción de lenguaje de Mikhail Bakhtin y su relación con las prácticas de lectura en las perspectivas de João Wanderley Geraldi y Paulo Freire; comprender lo significado de la lectura como fruición; relacionar prácticas docentes con la formación del gusto pela lectura. Para la efectuación de esto proceso, opté por colocarme a la escucha de sujetos lectores por medio de testimonios recogidos de blogs del internet, como una de las posibilidades de encontrar las voces que tratan del itinerario de esos sujetos. El proceso de comprensión se construyó con base en una perspectiva socio interaccionista de lenguaje e fue teóricamente embazado en Mikhail Bakhtin, João Wanderley Geraldi y Paulo Freire, utilizando como metodología el diálogo y el cotejamiento. Entre palabras y contrapalavras, se reafirma la comprensión que, como la lectura, esto estudio se tornó un espacio de compartir y atribuir sentidos sobre el itinerario formativo de los lectores. Las reflexiones hechas posibilitaron la comprensión de que la formación de lectores no ocurre por un único camino, ni depende exclusivamente de la mediación docente.

Palabras-clave: Lectura como fruición. Itinerario de los lectores. Práctica docente.

ABSTRACT

The main aim of this study was to understand the routes of formation of the liking for reading; and it had as specific objectives: to know the design of Mikhail Bakhtin language and its relation to the reading practices from the perspectives of John Wanderley Geraldi and Paulo Freire; to understand the meaning of reading as fruition; to relate teaching practices with the formation of the liking for reading. For the realization of this process, I chose to put myself to listen to readers through the depositions in internet blogs, as a way to find the voices that treat the pathways of these subjects. The process of understanding was constructed based on a socio-interactionist perspective of language and was theoretically grounded in Mikhail Bakhtin, John Wanderley Geraldi and Paulo Freire, using as methodology the dialogue and mutual comparison. Between words, it is reaffirmed the understanding that, like reading, this study became a space to share and give directions on the training course for readers. The reflections made possible the realization that the formation of readers does not occur for a single path, and it does not depends exclusively on teaching mediation.

Keywords: Reading as fruition. Routes of readers. Teaching practice.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Ed. HUCITEC, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCIA, Edson Gabriel. O mediador de leitura. In: _____ (org.) *Prazer em ler: registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura*. Studio 113, 2007.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Linguagem e Ensino:** exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.

_____. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática: 1993.

LEITE, L. C. M. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

REVOREDO, M. **Mediadores de leitura:** a participação da família na formação de leitores: um estudo de caso em Presidente Prudente/SP / Mariana. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n], 2010.

SAVELI, E. de L. **Por uma pedagogia da leitura:** reflexões sobre a formação do leitor. In: BAGNO, Marcos et al. *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

WEBSITES CONSULTADOS

BACHI, C. et al. Ler para viver [Internet]. São Paulo. Disponível em: <<http://lerparavivermgme.blogspot.com.br/p/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

BIZIO, M.; FONSECA, D. S.; ROSSETO M. V. Entrelinhas [Internet]. São Paulo. 2013 Abr. Disponível em: <<http://leituraentrelinha.blogspot.com.br/p/experiencias-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

CARAMIGO, T. C. et al. Blogestão [Internet]. São Paulo. 2013 Abr. Disponível em: <<http://mgmegrupo2.blogspot.com.br/p/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

CEEL UFPE. Depoimentos dos participantes do projeto “Nas ondas da leitura: a literatura na escola” [Internet]. Ceel Ufpe. 2012 Maio. Disponível em: <<http://ceelufpe.blogspot.com.br/2012/05/depoimentos-dos-participantes-do.html>>. Acesso em: 17 dez. 2015. Texto republicado do Blog de Roberto de Queiroz: <<http://blogderobertodequeiroz.blogspot.com.br/2012/05/memorias-escritas-peloscoordenadores.html>>.

COSTA, C. A. et al. Ler e escrever na era digital [Internet]. Camila Aparecida da Costa. 2012 Abr. Disponível em: <<http://lereescrevernaeradigital.blogspot.com.br/2012/04/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

MONFERDINI, W. O prazer de ler e escrever [Internet]. São Paulo: Walkiria Monferdini. 2012 Out. Disponível em: <<http://prazerlerescrever.blogspot.com.br/2012/10/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

PERON, D. A. B. Melhor gestão melhor ensino – matemática [Internet]. São Paulo. 2013 Jun. Disponível em: <<http://mgme-mat-grupo2.blogspot.com.br/p/depoimentos.html>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

RIOS, F. et al. Ler e escrever por prazer [Internet]. São Paulo. Disponível em: <<http://lereescreverporprazer.blogspot.com.br/p/depoimentos-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

SARCHIS, M. et al. O maravilhoso mundo da matemática [Internet]. São Paulo: Michelle Sarchis. [citado em 06 jun.]. Disponível em: <http://omaravilhosomundodamatematica.blogspot.com.br/p/depoimentos_5.html>. Acesso em: 16 nov. 2015.

SAURA, D. et al. MGME Ciências [Internet]. Dagmar Saura. 2013 Set. Disponível em: <<http://profdagmar.blogspot.com.br/2013/09/depoimentos-sobre-experiencias-com.html>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

SILVA, C. et al. Leitura e leitores [Internet]. 2012 Out. Disponível em: <http://leituraeescritagrupo3.blogspot.com.br/2012/10/depoimentos-sobre-leitura-e-escrita_22.html>. Acesso em: 16 nov. 2015.

SOLA, R. F. Ler por prazer [Internet]. Disponível em: <<http://lerporprazer2012.blogspot.com.br/p/depoimentos.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

TERRONE, L. C. et al. Mundo da leitura [Internet]. Lenita Cabral Terrone. 2012 Abr. Disponível em: <<http://paixaopelaleitura.blogspot.com.br/2012/04/depoimento-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

TOMEI, M de L. Práticas de Leitura no Contexto Digital [Internet]. 2012 Out. Disponível em: <<http://praticasdeleituragrupo5.blogspot.com.br/2012/10/depoimentos-de-leitura.html>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

VIEIRA, Carla. A importância da leitura [Internet]. 2015 fev. Disponível em: <<http://www.coisasdeblogueiras.com/comportamento/a-importancia-da-leitura-2/>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

VIVEIROS, E. B. R. de et al. Caravana de leitura [Internet]. 2013 Maio. Disponível em: <<http://caravanadeleitura.blogspot.com.br/p/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html> >. Acesso em: 16 dez. 2015.

WOLFF, F. A. et al. Matemática para Loucos por Matemática [Internet]. 2013 Jun. Disponível em: <http://matematicaparaloucos.blogspot.com.br/p/blog-page_5.html>. Acesso em: 16 dez. 2015.

ANEXO A

WEBSITES CONSULTADOS E OS RESPECTIVOS DEPOIMENTOS DOS BLOGS

BACHI, C. et al. Ler para viver [Internet]. São Paulo. Disponível em: <<http://lerparavivermgme.blogspot.com.br/p/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html> >. Acesso em: 16 dez. 2015.

“Aprendi a ler já na Pré-escola. Ao ler o depoimento de Danuza Leão, lembrei-me de quando iniciei meu contato com a leitura. Não tinha acesso aos livros por questões financeiras e a biblioteca era distante de minha casa. Sempre ganhava gibis de uma tia que, para não jogá-lo fora, repassava para mim. Tinha um grande desejo de chegar logo à 5ª série para ler livros e fazer prova, assim como meu irmão mais velho. A decepção foi grande. Lia os livros sem nenhum prazer para cumprir a responsabilidade de realizar a prova.

O primeiro livro que li foi ‘A montanha encantada’, de Maria José Dupré. Após a prova, li novamente, mas agora com prazer. Minha escola não possuía biblioteca ou sala de leitura, o que dificultava muito o acesso aos poucos livros que existiam guardados em caixas num depósito. A escrita veio com muita facilidade. Não costumava obedecer as ordens da professora. Avançava na cartilha “Caminho suave”, apesar de não ter autorização para isso (rsss).

Era comum a professora dizer que não podia escrever palavras com determinada letra, pois não tínhamos estudado aquela lição. Sempre gostei de escrever. Diferentemente de Gabriel, o pensador, gostava de produzir textos com temas livres ou a partir de imagens (cartaz) escolhida pela professora. Meus textos eram selecionados pela professora para leitura na sala de aula. Gosto da ideia de humanização pela leitura de Antonio Cândido. Acredito que a leitura pode amenizar muitos conflitos.” (Depoimento 27).

“Que tristeza a minha ao ler os depoimentos dos colegas. Fico imaginando como minha vida poderia ter sido diferente se tivesse passado por metade das experiências de todos vocês, quando tiveram seus entes queridos por perto, lendo, encantando, incentivando...

Com apenas um mês de idade fui levado a morar com meus avós (ela, analfabeta e ele, lia o essencial para poder se virar e não ser passado para trás) em uma família de oito filhos. Morávamos em um bairro afastado, de uma cidade pequena do interior. Sempre tivemos o que comer, sem regalias, e o acontecimento do mês era irmos até o armazém da cidade ‘fazer compras’, que eram carregadas em sacos de estopa até nossa casa, de madeira

mas bem cuidada.

Como em toda família ‘antiga’, educação vinha em primeiro lugar. Mas não falo de escolar, mas do respeito, principalmente para com os mais velhos. Assim, somente tínhamos contato com estranhos se acaso um dos dois nos chamasse até a sala para, no máximo, dar oi e voltar correndo para o quarto, de onde saíamos somente depois da visita ter ido embora. Não reclamo disso tudo. Pelo contrário, sou muito grato, pois aprendi o valor de muitas coisas que, infelizmente, hoje em dia, não existem mais.

Muitos podem estar pensando que sou mais antigo até que o “seu” Flávio e a “dona” Rita. Não! Tenho 40 anos e tudo isso ocorreu em plena década de 80. Apenas lá pelos idos dos anos 90 é que tivemos nossa primeira TV em cãs, porque comecei a trabalhar e pude dar esse “conforto” aos meus avós.

Assim como toda criança, li alguns livros da coleção vaga-lume na escola, mas sempre carregados da imposição de se “fazer um resumo” ou “vai cair na prova” e coisas assim, sem falar do acervo que era limitado. Isso tudo não desenvolveu em mim gosto pela leitura e tão pouco favoreceu minha escolha profissional.

Hoje, sou formado em Letras (mais por conta do inglês do que do português), aliás, pude fazer faculdade apenas com 33 anos, continuo um pouco tímido (herança de minha infância) e confesso, a sala de aula me ajudou a superar muitas de minhas dificuldades, mas algumas ainda insistem em me perseguir. Talvez por isso gosto de trabalhar com máquinas (na área de tecnologia da informação).

Atualmente, leio mais que antes e menos do que gostaria e o que fica de positivo em tudo isso é que, vendo o relato apaixonado de vocês, sinto que poderei fazer a diferença para meu filho, que já demonstra certo gosto pela leitura com 7 anos de idade. Vou tentar ser o pai que vocês tiveram.” (Depoimento 28).

“O primeiro livro que ganhei foi ‘O mágico de Oz’, assim que entrei na escola, no primeiro ano. Meu pai me deu de presente. Devorei-o, pois já sabia ler, eu queria ser Dorothy, ter um cachorro como Totó, vivia batendo meus sapatos de ir à igreja aos domingos para ver se me transportava para Oz, ou ao Kansas. E isso acontecia sempre na minha imaginação.

Já na escola, minha primeira leitura obrigatória foi ‘Cazuza’, de Viriato Correia, no 3º ano do antigo Primário. Acho que teve uma prova depois da leitura, mas não houve problemas, nem me lembro dela, mas a história, que eu lia e recontava para minha mãe, foi mágica, as situações me pareciam tão próximas, ainda me lembro de um velório contado na

história em que o defunto se levanta e todos desaparecem, um dos personagens escalou uma paineira (claro que procurei identificar todas as paineiras das ruas por onde passava). O tal defunto tinha tido um ataque de catalepsia (fui procurar o que era no dicionário e minha mãe me ajudou a entender o conceito), lembrei dessa passagem muitos anos depois ao assistir a um filme de 007 em que esse herói passa por algo semelhante.

Enfim, a riqueza de oportunidades que a leitura nos proporciona é primordial para a formação do ser humano.” (Depoimento 29).

BIZIO, M.; FONSECA, D. S.; ROSSETO M. V. Entrelinhas [Internet]. São Paulo. 2013 Abr. Disponível em: <<http://leituraentrelinha.blogspot.com.br/p/experiencias-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

“Meus primeiros contatos com a leitura foi com minha mãe que nos encantava com suas histórias para dormir. À noite, ela escolhia uma das histórias que tinham cheiro de livro velho e até mesmo de sabão em pó, haja vista que colecionávamos os livrinhos de história que vinham na caixa de sabão em pó. Quando comecei a frequentar a escola na fazenda onde morávamos, as letras já me eram mais familiares e o processo de alfabetização aconteceu com mais facilidade, no entanto, distante das histórias que me cativavam. Era em casa que aproveitava para redimensionar a leitura por meio dos livros que escolhia. E assim fui conhecendo outros mundos, outras personagens, seus conflitos e suas aventuras.

Foi quando aconteceu a troca de professora primária que descobri que a escola também era lugar de leitura por prazer. A nova professora promovia as rodas de contação de histórias e os livros saíam dos armários para virar encanto. No Ensino Fundamental II, meus professores de Língua Portuguesa não conseguiram manter a mesma prática de leitura. Líamos textos literários para responder às questões de compreensão textual ou para resolver exercícios gramaticais. Foi o professor do Ensino Médio que resgatou o prazer literário com as literaturas brasileira e portuguesa. Encantei-me pelas Iracemas, Julianas, Capitus, Diadorins; pelos Bentinhos, Eugênios, Amaros, Riobaldos... Daí para o curso de Letras eu tinha a certeza do que realmente queria. Ler...sempre e mais e sempre...”. (Depoimento 3).

“Lembranças, sentimentos, emoções me invadem a alma ao tentar recuperar, recordar minhas experiências com a leitura e a escrita. Lendo e ouvindo os depoimentos das diferentes personalidades, fui lembrado situações vividas na minha trajetória escolar. Sou fruto de uma educação tradicional, onde o professor era o detentor do saber e o aluno era visto como um receptor passivo. Tive a primeira experiência de leitura e de escrita com a

Cartilha Caminho Suave. Lembro-me das palavras de algumas lições e das famílias silábicas. Sempre fui muito tímida. Recordo-me de situações constrangedoras vivenciadas em sala de aula, quando um professor pedia para que eu lesse. Corava e às vezes gaguejava. Nessas situações, a leitura era um ato mecânico, ao terminar não sabia o que tinha lido. As produções de textos também seguiam o modelo tradicional.

Nunca me esqueci da composição a partir de uma gravura apresentada pela professora. Aos poucos, fui tendo novas experiências de leitura. A partir da 5ª série passei a comprar e a ler os livros que seriam cobrados nas provas de leitura. A leitura não era apresentada como atividade prazerosa, mas obrigatória para nota. Mesmo assim, comecei a me encantar com o mundo mágico da leitura. Adorava as histórias. Lembro-me dos livros: A Ilha Perdida de Maria José Dupré, O caso da Borboleta Atíria de Lúcia Machado de Almeida, Zezinho o Dono da Porquinha Preta de Jair Vitória, Éramos Seis de Maria José Dupré.

Em seguida, já no Ensino Médio tive a oportunidade de conhecer autores da literatura brasileira, lendo obras importantes de: José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Aluísio Azevedo... Na universidade, fui ampliando esse universo de leitura e já não lia apenas os livros cobrados para provas e trabalhos, pois a leitura passou a fazer parte da minha vida como algo prazeroso e imprescindível.” (Depoimento 4).

“Minhas primeiras experiências sobre a escrita reportam-me a momentos muito emocionantes e afetivos. Sendo filha mais velha de quatro irmãos e vivendo num período onde as dificuldades financeiras priorizavam a cultura, não frequentei os anos da pré-escola. Fui direto para a primeira série do grupo. Porém, meu pai que sempre foi amante do saber apresentou-me as primeiras letras e números, recordo-me com muito carinho das atividades que ele propunha quando chegava do trabalho para aprender a escrever, ou melhor, identificar as letras do alfabeto, e a sequência numérica.

Assim quando comecei a frequentar os bancos escolares já conhecia as letras e compunha algumas palavras. Não posso esquecer-me de uma das aulas que tive no grupo primário, onde a professora colocava uma sequência de quadros na lousa e pedia que fizessemos uma composição sobre a sequência que observada. Hoje, como professora de Língua Portuguesa é possível compreender que as estratégias por ela utilizadas e como poucas metodologias deixaram de ser úteis para a aquisição da escrita. E percebo também o quanto é importante o papel do professor e daqueles que são pessoas significativas na vida do aluno para despertarem e formarem leitores apaixonados por boas leituras e bons textos.

Desta forma hoje sou o que sou e conheço o mundo através da linguagem escrita e verbal, poderia ser mais apaixonada ou mais aplicada, porém cada qual a sua maneira, vai se construindo e fazendo de cada dia de sua vida uma página de sua história.” (Depoimento 5).

CARAMIGO, T. C. et al. Blogestão [Internet]. São Paulo. 2013 Abr. Disponível em: <<http://mgmegrupo2.blogspot.com.br/p/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

“Na minha infância a leitura não se fez muito presente. Na escola a metodologia utilizada pelos meus professores não contribuíram para que desenvolvesse o gosto pela leitura. Na escola Lembro-me muito de atividades que tinham como foco a cópia e exercícios do livro didático. No ensino fundamental não tenho lembranças de atividades de leitura por fruição, somente para realização de trabalhos solicitados pela professora.

A minha inspiração para leitura teve início no ensino médio (naquela época área de humanas) quando me apaixonei pela professora de literatura. Ela se envolvia na leitura, se deliciava com as palavras, a paixão pelas histórias lidas vinha de dentro e contagiava toda a sala. Lia todos os livros que indicava e a partir daí comecei a gostar e ler muito. Vejo hoje o ensino da leitura e da escrita muito mais agradável, contagiante e significativa para os alunos. Que bom!” (Depoimento 30).

CEEL UFPE. Depoimentos dos participantes do projeto “Nas ondas da leitura: a literatura na escola” [Internet]. Ceel Ufpe. 2012 Maio. Disponível em: <<http://ceelufpe.blogspot.com.br/2012/05/depoimentos-dos-participantes-do.html>>. Acesso em: 17 dez. 2015. Texto republicado do Blog de Roberto de Queiroz: <<http://blogderobertodequeiroz.blogspot.com.br/2012/05/memorias-escritas-peloscoordenadores.html>>.

“Tomei gosto pela leitura aos 09 anos quando estudava na 4ª série com a professora Telma Lúcia. Ela incentivava a leitura através de livros de literatura onde líamos e organizávamos as equipes para dramatizar as histórias lidas nos livros. Cada um ficava com um ou mais personagens. Era maravilhoso, muito gostoso! Foi um momento inesquecível da minha vida!” (Depoimento 45).

“Eu aprendi a ler na escola aos 7 anos de idade. Apesar de meus pais serem letrados não me transmitiram esse conhecimento antes da escola. Chorava bastante para não ir à escola; eu queria mesmo era ficar em casa. Nunca tive muito contato com os livros, apenas

fazia as tarefas. Minha professora também não contribuiu, ela não lia para nós.

Mesmo assim, apesar de não ter essa relação íntima com os livros, hoje eu não consigo ver um professor numa sala de aula sem sentir prazer pela leitura. Ele não pode transmitir ensinamentos a seus alunos sem antes ler, pesquisar e estudar. A leitura está presente em nossas vidas, nos leva a lugares incríveis e nos traz sabedoria para toda vida.” (Depoimento 50).

“Meus primeiros contatos com livros foram burocraticamente didáticos. Só lia quando a professora obrigava. Tinha que ler, responder a ficha, pois na prova de Português sempre tinham questões tiradas do livro. Me dá um arrepio quando me lembro da obrigação de ler. Era muito chato.

Quando criança, me lembro bem da paixão que tinha por gibis. Mas, tem uma curiosidade nisso tudo: eu gostava de ler as tirinhas de trás só para não perder tempo. Nunca fui um exemplo de leitora, meu “negócio” mesmo era ler jornais e ficar sabendo de tudo que se passava no mundo. Das recordações doces da minha infância tem uma coleção que realmente aguçou a minha curiosidade: A série VAGA LUME. Esta coleção de livros com histórias de ação e aventura me fez ter prazer em pegar um livro e só parar quando lia a última frase.” (Depoimento 49).

“A minha relação com este mundo mágico da leitura foi iniciado na escola. Foi lá que descobri as letras, as sílabas, as frases e os textos. A contribuição da minha primeira professora foi marcante. Foi ela que incentivou o meu interesse pela leitura dos gibis e dos textos literários. Foi ela que trouxe à tona o meu amor pela leitura propriamente dita. Lembro-me também que na escola a professora nos mandava ler anúncios, panfletos e outros gêneros.” (Depoimento 52).

“Sempre tive vontade de aprender ler e quando via os colegas irem à escola, eu ficava triste por não ter idade de ser matriculada. Um dia nós mudamos de localidade e a nossa casa ficava próximo da escola. Eu fugia de casa e ficava na porta da sala, observando a aula. Então a professora me convidou para entrar na sala, pulei de alegria.

Os meus pais eram analfabetos, mas eu, não podia ver qualquer papel que tivesse algo escrito, que aquilo me interessava. Assim eu ficava observando a aula e olhando os livros dos colegas. Tempos depois, a nossa família precisou se mudar novamente, dessa vez para a zona urbana.

A minha mãe me matriculou na escola, mas eu já lia, pois os meses que passei observando as aulas, foram inesquecíveis. Na 3ª e 4ª séries tive uma professora que ensinava a gente a ler e dramatizar o que lia. Aquilo me incentivava a criar e modificar histórias e os contos de fada faziam os meus olhos brilhar.” (Depoimento 53).

“Tudo começou na família, com um sentimento muito intenso, de uma relação de amor com a minha irmã mais velha que eu chamava carinhosamente de mãe. Na época ela tinha como leitura preferida as fotonovelas e os romances e isto despertou em mim o desejo de aprender a ler para realizarmos conjuntamente as leituras. Aos sete anos, na década de 60, entrei para a escola, mas não encontrei muito incentivo por parte da professora. Ela era severa, usava método antigo, a turma passivamente tinha que decorar tudo. Eu nem sei como aprendi a ler na primeira série.

De repente eu entendi tudo como num passe de mágica fiz as descobertas. Lendo os romances, eu entrei no mundo dos sonhos, mas a realidade me chamava sempre. O meu tempo era pouco para ler e ainda me imaginar fazendo parte daquele mundo. Eu sonhava em ser personagem das histórias e mesmo diante das adversidades da vida, continuo lendo bastante, gostando de romances, por ser romântica.

Durante a minha infância tentei ler o livro de Érico Veríssimo Olhai os lírios do campo. Era um livro extenso e bastante complexo para o meu pouco entendimento! Na minha adolescência voltei a ler novamente e já na vida adulta, quando passei a ficar íntima do livro, ele se extraviou. Vou adquirir novamente este livro que tanto me marcou, pois até hoje o meu olhar busca, admira e namora os lírios do campo, que crescem lindos entre vegetações do campo e desabrocham entre os espinhos da vida.” (Depoimento 54).

“Foi há muito tempo atrás, mas parece que foi hoje. Como diz o ditado popular: o tempo não para. Tudo começou na minha infância, com minha mãe que adorava contar histórias bíblicas para eu e minhas irmãs. Era muito divertido! Pedíamos para ela contar várias vezes a mesma história e ela contava. A paixão pela literatura começou a florescer a partir daqueles momentos. Lembro-me que eu adorava olhar as imagens dos livros, que me chamavam muito a atenção. Minha imaginação fluía; a leitura me fazia viajar e conhecer outros horizontes.

Na escola, a professora trabalhava com muitos textos. Líamos bastante, ela nos mandava escolher entre os diversos livros expostos, àquele que nos chamasse mais atenção. Quando ela fazia isto, eu escolhia o livro que tivesse mais imagens. Houve um acontecimento

na minha adolescência que me chocou. Foi quando um professor pediu para lermos o livro Triste fim de Policarpo Quaresma para fazermos uma prova. Só que na prova não caiu nada sobre o livro e ficamos muito chocados.

Passei um tempo sem entusiasmo para ler, foi quando no Ensino Médio encontrei uma professora chamada Adriana que mudou toda a minha história, pois sabemos que ler é mágico, faz a gente amadurecer e sempre sonhar. Por isso, que hoje eu sou uma verdadeira incentivadora da leitura, porque ler é transformar, conhecer, sonhar, refletir, buscar, viver... É fonte inesgotável.” (Depoimento 57).

COSTA, C. A. et al. Ler e escrever na era digital [Internet]. Camila Aparecida da Costa. 2012 Abr. Disponível em: <<http://lereescrevernaeradigital.blogspot.com.br/2012/04/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

“Meu primeiro contato com a leitura foi mágico. Na escola onde estudei tinha bons professores e uma biblioteca encantadora. Nunca me esqueço daquele cheirinho dos livros velhos e novos. O livro inesquecível foi Maria- vai- com- as- outras, Sylvia Orthof. Na adolescência era O caso da borboleta Atíria, li nem sei quantas vezes, todas sentindo a mesma aflição pelo defeito da asinha de Atíria, a curiosidade para saber quem estava matando as borboletas da floresta.

O outro marcante na época de colegial, Dom Casmurro, quando li fiquei encantada e foi esse livro que me fez cursar Letras. Acredito que meus pais embora não tinham o hábito à leitura, me incentivaram muito. Pais devem incentivar a criança a ler, com isso estimula a comunicação entre eles. Bom essa foi minha experiência como leitora.” (Depoimento 17).

“Meus pais sempre foram leitores, apesar da pouca escolarização. Era frequente vê-los saboreando livros e revistas. Assim, também segui o bom exemplo. Queria saber o que estava escrito nas páginas coloridas das revistas que circulavam pela casa. Porém, nenhum título me inquietou mais, quando meu pai surgiu com um livro de capa dura e escura, com letras douradas. Perguntei-lhe qual o nome da história e ele me respondeu: Os Miseráveis. Já tinha uma noção do que era a miséria e, portanto, não me conformava com o título. Não podia ser uma história de princesa com final feliz.

Muitos anos depois, tive a constatação de que não era mesmo, muito pelo contrário, todavia é uma grande história, uma das melhores que já li. No meu universo de criança, brincava de juntar letras, desenhar palavras e “escrever” livros com muitos personagens reais e fictícios. Minhas histórias eram fantásticas.

Fui para a escola aos seis anos praticamente alfabetizada. Lembro-me que a biblioteca era ambulante, ou seja, uma perua Kombi abarrotada de livros parava à porta da escola uma vez por semana e as professoras organizavam os alunos para a devolução e retirada de livros. O primeiro livro que retirei para ler foi “Histórias da Carochinha”, no qual havia a história da D^a. Barata, que queria se casar.

No mesmo ano, houve a tradicional Festa de Entrega do Primeiro Livro, em que recebi a obra ‘O Poço do Visconde’, de Monteiro Lobato. Esse livro acompanhou-me até os primeiros anos de exercício no magistério, na cidade de Matão, quando resolvi doá-lo à biblioteca, que estávamos formando na escola.” (Depoimento 18).

MONFERDINI, W. O prazer de ler e escrever [Internet]. São Paulo: Walkiria Monferdini. 2012 Out. Disponível em: <<http://prazerlerescrever.blogspot.com.br/2012/10/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

“Naquela época morávamos, em um sítio distante, para chegar à cidade mais próxima precisava andar de ônibus mais ou menos por duas horas, e com isto dificultava o acesso a livros, jornais, revistas, etc... . Meus pais quase não estudaram, e nem dava importância para a leitura, meu primeiro contato com a escrita foi com aqueles folhetos que eram entregues no início das missas, realizadas mensalmente em uma Capela do Bairro, quando completei cinco anos ganhei do papai o meu primeiro caderno de brochura, todo rosa com uma foto da Xuxa na capa, e ele me disse as seguintes palavras “minha filha agora irei te ensinar a ler e escrever”, daí em diante todos os dias à noite após o jantar ele sentava comigo, e com toda paciência me ensinou o alfabeto, depois juntar as letras para formar o meu nome, o nome do meu cachorro, até que passei a fazer a leitura daqueles folhetos entregues pela igreja.

Ao completar sete anos comecei a frequentar a primeira série (segundo ano), a professora ficou encantada quando descobriu que naquela turma havia uma aluninha (como ela dizia) alfabetizada, foi aí que ganhei meu primeiro livro de história infantil, ‘O Jacaré Cosmonauta’, do autor Walmir Ayala.

Portanto, foi a partir daí que comecei a frequentar a biblioteca da escola, sempre na expectativa de saber o que estava escrito no interior de cada livro, alguns despertava o interesse pelo título, outros pelas figuras, pois acredito que através da leitura podemos viajar pelo mundo, conhecer pessoas, sem sair do lugar.” (Depoimento 14).

PERON, D. A. B. Melhor gestão melhor ensino – matemática [Internet]. São Paulo. 2013 Jun. Disponível em: <<http://mgme-mat-grupo2.blogspot.com.br/p/depoimentos.html>>. Acesso em:

16 dez. 2015.

“Minha experiência com a literatura e escrita foi 6ª série, com o livro "O escaravelho do Diabo", a professora de Português Dona Sônia, mandava nós lermos um livro por bimestre para entregar o resumo, foi assim, que descobri o maravilhoso mundo dos contos. Outro livro que marcou muito foi a 'Formiga Sauba' que a professora da 1ª e leu para nós, conto esta história para meus filhos até hj...pois lembro de todas as passagens do livro que nós foi lido.” (Depoimento 37).

RIOS, F. et al. Ler e escrever por prazer [Internet]. São Paulo. Disponível em: <<http://lereescreverporprazer.blogspot.com.br/p/depoimentos-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

“Desde a infância fui uma aluna leitora, havia competição na biblioteca, hoje sala de leitura, para ver quem lia mais, até hoje existe. A leitura era mais na parte de estudar a lazer, mas até que se tornou uma forma de se atualizar. Apesar de ser professora na área de Língua Portuguesa, sou eclética, desde as mais simples, como receitas culinárias até os títulos mais complexos.

Tive uma experiência boa em relação aos meus professores de ensino fundamental e médio, que sempre estiveram espírito leitor, me inspirei nesses professores, principalmente na professora Sueli Ataulo, de Língua portuguesa, hoje já aposentada.

O livro que mais me marcou na escola, foi no 3ºEM, talvez por serro ultimo trabalho escolar antes do ensino superior foi Canaã , onde foi feito a resenha critica do livro. Em relação á vida acadêmica a minha última leitura foi o Conto "Missa do galo" de Machado de Assis, o qual foi meu Trabalho de conclusão de curso, desde então a leitura passou a ser mais para se atualizar na área que estou atuando há 10 anos, sempre uma leitura nova, afinal ler é melhor que estudar.” (Depoimento 11).

“Pensar nas minhas experiências de leitura e escrita me faz lembrar não da minha infância, do estímulo pelos meus pais a ler bons livros, a estudar, ser boa aluna. Não. Pensar em ler e escrever me vem a mente rapidamente a lembrança da minha adolescência, quando realmente penso que descobri a finalidade do 'escrever, do ler, do jogo interessante das palavras'.

Minha professora de Literatura me incentivava a ler e também atribuía nota aos livros lidos e pedia resumos dos mesmos, e , foi nesse período que passei a tomar “gosto” por ler e

escrever. Comecei a ler Machado de Assis, Érico Veríssimo, li o seu livro chamado “Incidente em Antares” e passava horas devorando esse livro e isso me fascinou, mas foi principalmente o ato da escrita que me encantou, pois a mesma professora me ensinava o porque de escrever, para quem escrever, e foi a partir daí que comecei a ver a escrita e a leitura com outros olhos.

Entender que o texto tem uma introdução, desenvolvimento, conclusão, clareza de ideias, sequência de fatos ou informações, tudo isso colaborou para a construção do meu conceito de leitura e de escrita.” (Depoimento 12).

“O primeiro livro que li foi o gênio do crime, amei. Estava na quinta série (6º ano), minha professora dona Helena era muito enérgica e não gostava de comentar nada sobre os livros que iríamos ler no decorrer do ano letivo, dizia que tínhamos que descobrir sozinhos, lendo. Eu odiava, achava horrível e o pior a professora gostava de nos ver morrendo de medo, me sentia pressionada, angustiada e sem interesse nenhum; mas para minha surpresa ao ler os primeiros capítulos comecei a gostar da história e ficava imaginando cada momento o que poderia acontecer com os personagens que eram muito engraçados. Desde então, comecei a ler vários livros que me ajudaram a melhorar o meu vocabulário e assim passei a redigir melhor os meus textos tirando notas mais altas.

Hoje eu incentivo meus alunos a lerem, mas sem fazer pressão ou chantagem, procuro trazer gêneros variados, assim meus alunos aos poucos vão tomando gosto pela leitura. Costumo fazer também uma leitura antes de se iniciar as aulas de português, inclusive alguns alunos colaboram trazendo textos para serem lidos, gosto também de utilizar a leitura compartilhada e assim, trabalho com a timidez de alguns alunos, deixando-os mais a vontade para explorar o gosto pela leitura. Tudo que passei como aluna naquela época está servindo para que eu não cometa os mesmos erros, melhorando cada vez mais minhas práticas pedagógicas, pois essa nova geração é x (dez).” (Depoimento 13).

SARCHIS, M. et al. O maravilhoso mundo da matemática [Internet]. São Paulo: Michelle Sarchis. [citado em 06 jun.]. Disponível em: <http://omaravilhosomundodamatematica.blogspot.com.br/p/depoimentos_5.html>.

“Bom para começar meu relato vou aqui citar a Jornalista e Escritora Danuza Leão: “Adoro ler, e leio qualquer coisa que chegue às minhas mãos,...”, assim como ela leio qualquer coisa, qualquer tema. Minha iniciação com a leitura e escrita se deu, primeiramente com minha avó, que adorava ler para nós, enquanto ainda enxergava. Depois foi através de

minha Professora Dona Ivone Beloni, na terceira e quarta série primária, que lia a introdução do livro nas aulas e depois incentivava nós (alunos) irmos à biblioteca emprestar o livro para saber o final da história. E ainda, posso relatar a Professora Dayse, que era de Língua Portuguesa da quinta série, que indicava os livros da Série Vagalume, Cachorrinho Samba, Pollyanna, e muitos outros, para as provas de livros.

Hoje, estou na Sala de Leitura, e costumo ler trechos de livros na hora do intervalo para os alunos, para deixa-los curiosos e ansiosos para poder emprestar o livro, e posso afirmar que é impressionante a rotatividade de livros através dos empréstimos, e quanto é prazeroso a hora que eles vêm devolver os ouvir contarem sobre o livro ou até mesmo fazer indicação para o colega. Assim, como disse o Professor Nilson José Machado ‘... Ler é fundamental para seguir regras com consciência, mas a expressão pessoal é vital, e a escrita é essencial para isso. A oralidade esvanece e a escrita permanece...’.” (Depoimento 6).

“Olá pessoal, quero contar a vocês o meu relato. Desde pequena fui me familiarizando com a leitura: primeiro com gibis e depois com livros infantis. Esse contato aconteceu primeiro em casa, pois meu pai toda vez que ia para a cidade nos trazia gibis (nós morávamos na zona rural), quando eu fui para a escola, os professores nos incentivavam a ler. Como eu já tinha esse hábito, eu lia todos os livros recomendados.

Gostava de livros de aventuras como As viagens de Gulliver, Moby Dick e outros. Eu lia em média 1 livro por semana. Li também toda a coleção de José Mauro de Vasconcelos: Meu pé de laranja lima, Farinha Órfã, Barro Blanco, etc. Hoje ainda gosto muito de ler, mas o tempo é menor e a gente vai deixando isso de lado e assim mesmo consigo ler um pouco, não tanto quanto gostaria mas é o que dá.” (Depoimento 7).

SAURA, D. et al. MGME Ciências [Internet]. Dagmar Saura. 2013 Set. Disponível em: <<http://profdagmar.blogspot.com.br/2013/09/depoimentos-sobre-experiencias-com.html>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

“O que me despertou para a leitura foi a imposição escolar que se iniciou na quinta série, onde a professora determinava a leitura de um livro por bimestre, que no final era feito uma prova. Lembro-me que muitas obras com linguagem formal e complexas foram enfiadas "goela" abaixo. Por outro lado, obras como o Cortiço, foi o máximo, na época, episódios que narravam instintos naturais como os instintos sexuais, chocava! E Meu Pé de Laranja Lima, foi uma história comovente, chorei nos capítulos finais.

Dessa forma, gostando de uns e odiando outros, hoje agradeço o incentivo de minha

professora, graças a ela posso viajar conhecendo novos mundos e novos pensamentos. Descobri a leitura prazerosa só depois de um tempo. Acredito que a maturidade e a não obrigatoriedade são fatores que despertou a verdadeira paixão para a leitura. Hoje, entendo que ler obras clássicas é fundamental para aumentar e muito, nosso horizonte intelectual, mas não da forma que foi realizada na nossa época. As obras eram massacradas quando éramos obrigados a realizar uma leitura que não era adequada a nossa faixa etária. Agora eu que escolho os livros que vou ler e é muito bom!!!!”. (Depoimento 43).

SILVA, C. et al. Leitura e leitores [Internet]. 2012 Out. Disponível em: <http://leituraeescritagrupo3.blogspot.com.br/2012/10/depoimentos-sobre-leitura-e-escrita_22.html>. Acesso em: 16 nov. 2015.

“Ao ler os depoimentos, me identifiquei com o da jornalista escritora Danuza Leão. Minha experiência com a leitura se consolidou na adolescência. Sou filha única e minha mãe sempre trabalhou fora, então passava a maior parte do tempo sozinha o que resultava em minha companhia mais próxima serem os livros. Então comecei a ler tudo que encontrava, era boa aluna na escola e tinha facilidade em disciplinas voltada à leitura e interpretação. Com o passar do tempo, ler se tornou uma parte importante de mim, e hoje vejo a leitura e a escrita como ferramentas fundamentais para expressar o que sinto, meus anseios, angústias, alegrias e tantas outras coisas.

Ao me tornar professora tive a oportunidade de "contagiar" meus alunos com o gosto pela leitura, hoje eles sempre que podem vêm me mostrar o que estão lendo e fico muito feliz quando ouço deles: "Professora, como eu sei que você gosta de ler trouxe esse livro pra que veja, porque a historia é muito legal". É como se costuma dizer "o exemplo convence mais que palavras". Quando mostramos o gosto pela leitura, certamente transferimos isso aos nossos alunos e de alguma forma isso despertará o interesse deles também.” (Depoimento 1).

“Me identifiquei com o depoimento da jornalista . Leio todo tipo de mensagem, virou mania. Para vocês terem uma ideia leio e releio todas as placas de sinalização e propaganda que fazem parte do meu trajeto entre a minha casa e o meu trabalho. Sei de cor e mesmo assim as leio. É um espanto e ao mesmo tempo uma alegria quando aparecem placas ou murais novos. Nem sempre foi assim. Me considero um leitor tardio. O hábito de leitura na minha casa durante a minha infância nunca existiu, não sou filho e nem neto de leitores. Eu e meus amigos sempre optamos por jogar bola ao invés de ler.

Meu divisor de águas tem nome; Prof^ª Auta, isso mesmo, D. Auta. Uma senhora

baixinha, de voz e personalidade forte que me deu aula de Língua Portuguesa durante todo o Ensino Médio. Sempre me provocava dizendo que me achava inteligentíssimo, bonito, esperto e até carinhoso, uma pena que não gostava e não tinha o hábito de ler, duvidava que eu fosse capaz de ler os livros por ela indicados. Até que li o primeiro, O Cortiço. Adorei e adorei o jeito como ela me elogiava enquanto contava e discutia a leitura com ela na sala de aula. Foi fantástico aquele momento e as novas leituras que ela me indicava. Acabou virando este vício.” (Depoimento 2).

SOLA, R. F. Ler por prazer [Internet]. Disponível em: <<http://lerporprazer2012.blogspot.com.br/p/depoimentos.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

“Acho a leitura, muito importante para nossa vida, nossa mente, nosso raciocínio, nosso conhecimento e nossos pensamentos, etc. Me lembro do meu primeiro livro, foi em uma aula de catecismo, o professor presenteava os alunos que não tinha falta, que faziam todas as atividades, enfim, quem era bom aluno. Então, comecei a ser uma aluna exemplar e quando ganhei o livro foi aquela alegria, além de me sentir importante passei a gostar de ler.

Com a leitura eu viajo, conheço tantos lugares, vivo tantos sonhos, fantasias, tenho raiva, fico apaixonada, enfim, eu me sinto a própria protagonista do livro. Não leio de tudo, para mim a leitura tem que ser interessante, se começo ler um livro e não gosto eu paro de ler. Acho que a leitura tem que ser como um namorado, que nos cativa e nos arrebatava, acho que é por esse motivo que prefiro os romances.

Sei que as vezes fico um bom tempo sem ler, principalmente pela correria do dia a dia, mas sempre que posso arranjo um tempinho. A leitura além de abrir a nossa mente, ela é desestressante, quando, feita com prazer, e através dela consigo me expressar melhor tanto na escrita como no diálogo.” (Depoimento 9).

TERRONE, L. C. et al. Mundo da leitura [Internet]. Lenita Cabral Terrone. 2012 Abr. Disponível em: <<http://paixaopelaleitura.blogspot.com.br/2012/04/depoimento-de-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

“Minha vida entre livros e leitura...Pensar em livros e leitura me faz voltar ao sítio do meu avô paterno, no terreiro de café no qual todo final de tarde a professora da escola rural reunia todas as crianças da colônia para ler uma história. Eu viajava naquelas histórias sem mesmo saber decifrar aquelas letrinhas. As histórias contadas me levavam a imaginar um mundo totalmente diferente, com pessoas com costumes e comportamentos diferentes daquele

vivido por mim. Era uma fantasia, um sonho ouvir as histórias de fadas, de bruxas, de piratas, de guerras...Meu pai incentivava essas leituras comprando livros, coleções, enciclopédias e quando comecei a decifrar aquelas letrinhas, eu podia ler sozinha e viajar por este mundo sem fim.

Nós mudamos para a cidade e lembro-me da professora Ângela que, mesmo com o ensino tradicional, lia histórias com um jeito todo particular que parecia real. Meu pai continuava comprando livros, coleções e nos incentivando a ler, mas aos poucos, aquela empolgação foi minando por causa dos livros impostos para leitura e resumo. Não me lembro de visita à biblioteca. Quando fui estudar em Ribeirão Preto, um professor de literatura, apaixonado por livros, fez renascer em mim o gosto e o prazer pela leitura e hoje eu não me vejo sem um livro, jornal ou revista na mão.” (Depoimento 25).

“A Descoberta do mundo fantástico da leitura. Comecei a descobrir o gosto pela leitura na quinta série, pois o professor de língua portuguesa determinava a leitura de um livro por mês e no final deste período era feita uma avaliação, eu sempre tirava nove ou dez pois adorava ler. Pegava o livro e em dois ou três dias o “devorava”. Ficava muito ansiosa para chegar o final do mês e pegar o próximo livro. O professor não dizia qual livro seria lido fazendo surpresa e isso gerava enorme expectativa.

Os livros eram maravilhosos, nos levando a lugares mágicos, apresentando novas realidades e culturas diversas, fazendo-nos rir, sonhar e algumas vezes até chorar. Me lembro ainda de um livro que era muito difícil, uma autobiografia, continha palavras que não conhecíamos e para ler utilizamos o dicionário, as notas da avaliação foram muito baixas, mas eu tirei nove e isso me deixou muito feliz, me incentivou a ler mais, lia o livro que o professor recomendava e pegava outros na biblioteca. Na quinta e sexta série foram lidos livros infantis, me recordo de alguns, como Borboleta Atíria, A vaca voadora, E depois o silêncio, na sétima e oitava série tivemos oportunidade de ler, Machado de Assis, José Alencar, Joaquim Manoel de Macedo entre outros.

A escrita foi muito incentivada quando na oitava série foi proposto o desenvolvimento de um diário, quem apresentasse o diário no fim do bimestre recebia uma nota maior. A leitura para mim é algo essencial para o desenvolvimento intelectual e crescimento profissional, fazendo com que eu amplie meus horizontes. Agradeço aos meus professores pelo incentivo e ajuda no desenvolvimento dessa prática.” (Depoimento 26).

TOMEI, M de L. Práticas de Leitura no Contexto Digital [Internet]. 2012 Out. Disponível em: <http://praticasdeleituragrupo5.blogspot.com.br/2012/10/depoimentos-de-leitura.html>. Acesso em: 15 dez. 2015.

“Falando um pouquinho mais sobre o assunto, considero que leitura e escrita são palavras que dizem tudo, pois o que seria da humanidade sem elas?! Por mais simples que pareça a leitura escolhida, o importante é estar em contato com ela. Já a escrita tem uma longa história e proporciona uma forma de comunicação também.

Não recordo como foi meu primeiro contato com as duas, só sei que sempre fizeram parte de meu crescimento e desenvolvimento. Gosto muito de escrever desde criança. Escrevia páginas de diário, cartas para amigos e parentes, poemas, enfim... amava escrever, daí a escolha em ser professora.

Ler é um sonho! Amo o envolvimento que a leitura oferece e sempre que leio me imagino dentro da história escolhida. Dependendo da situação até me emociono como se o acontecido fosse comigo. Leitura nos fortalece, amplia nossos conhecimentos e ainda nos faz sonhar. Quanta coisa boa tem para nos proporcionar e ainda tem quem se recusa a experimentar...O professor que lê desperta o interesse de seu aluno, caso contrário ele não terá vontade nunca, a não ser que traga o gosto pela leitura de casa.

A série Vagalume é um encanto. Amo trabalhar com ela, sem contar que os alunos gostam bastante. Porém, temos uma lista a perder de vista de livros que são muito interessantes. Procuo levar livros para a sala bimestralmente e depois cobro em forma de seminários, roda de discussões ou mesmo ficha literária. Os alunos gostam, pois é uma maneira de mostrarem que realmente leram a obra indicada, mas às vezes deixo a escolha livre. Para concluir, acredito que mesmo com tanta tecnologia a leitura e a escrita jamais serão substituídas.” (Depoimento 20).

VIEIRA, Carla. A importância da leitura [Internet]. 2015 fev. Disponível em: <<http://www.coisasdeblogueiras.com/comportamento/a-importancia-da-leitura-2/>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

“Quando eu era criança eu não gostava nem um pouco de ler. Mas daí, aos 11 anos, fui apresentada aos livros da série Harry Potter pelos meus pais, e a partir daí não teve mais quem me segurasse, hahaha, devorei toda a série repetidas vezes, depois passei para a série Crepúsculo, e depois disso todos os milhares de livros que me eram recomendados por blogs de resenhas de livros. Meus pais já até me falaram brincando “Calma Renata” quando eu falava que lia de dois a três livros por semana na minha época de maior vício.

Ler é maravilhoso, não sei como as pessoas podem não gostar disso. É como você falou, comece lendo sobre temas que você goste. Havia livros chatos que meus professores me obrigavam a ler e eu não gostava. Mas depois que comecei a ler algo que eu gostava, como Harry Potter, foi o que me motivou a ler mais e mais.” (Depoimento 24).

VIVEIROS, E. B. R. de et al. Caravana de leitura [Internet]. 2013 Maio. Disponível em: <<http://caravanadeleitura.blogspot.com.br/p/depoimentos-de-leitura-e-escrita.html> >. Acesso em: 16 dez. 2015.

“As palavras começaram a fazer parte da minha vida pelas brincadeiras de escolinha em casa. Meus irmãos tinham cadernos, tarefas, horários e eu ainda não. Então vivia a fantasia, momentos como professora, outros como aluna. Quando consegui ler meu primeiro livro "A Dama e o Vagabundo" já com sete anos, presente de minha mãe, descobri que minhas fantasias existiam nas palavras. Assim, eu achava que aquela história era só minha. A minha irmã tinha as história dela, que eu também lia, mas as minhas, eram só minhas. Branca de Neve, Cinderela, A Bela Adormecida... Depois fiquei triste com Vidas Secas!!! Descobri a dura realidade na ficção. Mas só me considerei mesmo leitora quando escolhi o que ler com livros de amigas ou de livrarias, quando conseguia comprar, porque as escolas ainda não tinham acervo disponível, livros trancados em armários.

Um grande exemplo foi uma professora, a Marli, que trazia livros e comentava o que estava lendo, todos os dias... ficava me sentindo "burra" porque não conhecia nada de literatura no Ensino Médio. Comecei a ler os recomendados e amei... Escrever foi só consequência: primeiro diário, cartas, poesias... Hoje sinto falta dos momentos livres para ler e escrever somente para mim, para meu coração, para minha alma...” (Depoimento 32).

WOLFF, F. A. et al. Matemática para Loucos por Matemática [Internet]. 2013 Jun. Disponível em: <http://matematicaparaloucos.blogspot.com.br/p/blog-page_5.html>. Acesso em: 16 dez. 2015.

"Minha alfabetização foi em uma escola da zona rural, município de Jales-SP, a escola possuía uma única sala e também uma única professora lecionava para 1ª, 2ª e 3ª séries, as dificuldades eram muitas, pois a escola não tinha recursos, quando chovia muito não conseguia chegar e o mesmo acontecia muitas vezes com a professora que morava na cidade.

Fui alfabetizado com a cartilha Caminho Suave que até hoje não me esqueço, pois adorava fazer as lições que ela trazia. Quando terminei a 3ª série fui estudar na cidade em

uma escola muito grande, além das dificuldades para chegar até a escola o período de adaptação foi muito difícil, mas foi na 4ª série que tive uma professora chamada Dona Noêmia que incentivava muito seus alunos a ler, foi onde comecei a tomar gosto pela leitura, na escola havia uma biblioteca enorme onde eu sempre pegava livros.

Foi na 5ª série que a professora de Língua Portuguesa pediu para que lêssemos o livro Cachorrinho Samba (Coleção Vagalume), me encantei tanto com o livro que acabei lendo toda a coleção." (Depoimento 40).